

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
LICENCIATURA EM CINEMA E AUDIOVISUAL

LUCAS DE MARTIN FORTUNATO

VISÃO DOCENTE:

um estudo sobre a relação do Cinema e do Audiovisual na educação básica

NITERÓI,
2019

LUCAS DE MARTIN FORTUNATO

VISÃO DOCENTE:

um estudo sobre a relação do Cinema e do Audiovisual na educação básica

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao curso de Licenciatura em
Cinema e Audiovisual, como requisito
parcial para conclusão do curso.

Orientadora:

Prof.^a Dr.^a Eliany Salvatierra Machado

Niterói, RJ
2019



TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)

Instituto de Arte e Comunicação Social

Departamento de Cinema e Vídeo

PARECER DA BANCA EXAMINADORA

Aluno(a): Lucas De Martin Fortunato

Matrícula: 116057035

TÍTULO

VISÃO DOCENTE:
um estudo sobre a relação do Cinema e do Audiovisual na educação básica

BANCA EXAMINADORA

Prof. Orientador Eliany Salvatierra Machado

Examinador 1 Alice Akemi Yamasaki

Examinador 2 João Luiz Leocadio da Nova

PARECER

A banca destaca o mérito na escolha do Tema e da metodologia adotada, reconhece a escrita e a articulação de autores pertinentes e que reflete o curso de cinema- educação.

A banca indica a continuação na vida acadêmica

DATA: 02/12/2019

NOTA FINAL: 102

ASSINATURAS DA BANCA

Prof. Orientadora

Examinador 1

Examinador 2

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

F745v Fortunato, Lucas De Martin
Visão docente : um estudo sobre a relação do Cinema e do Audiovisual na educação básica / Lucas De Martin Fortunato ; Eliany Salvatierra Machado, orientadora. Niterói, 2019. 84 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Cinema e Audiovisual (Bacharelado/Licenciatura))-Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social, Niterói, 2019.

1. Cinema na escola. 2. Cinema na educação. 3. Multimeio. 4. Educação básica. 5. Produção intelectual. I. Machado, Eliany Salvatierra, orientadora. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Arte e Comunicação Social. III. Título.

CDD -

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus pelo dom da vida, por sempre me guiar em meus passos, atos, palavras e pensamentos.

Agradeço à minha mãe Márcia Cristina De Martin Fortunato e meu pai Adaly Fortunato da Silva Junior, por terem sido sempre meus amigos, ouvintes e apoiadores. Por me ensinarem a responsabilidade e o apreço pelo estudo, mas também a importância da liberdade, dos sonhos e da alegria.

Agradeço à minha avó Ademir da Rosa por sempre ter sido minha fã inspiradora. Agradeço ao meu padrinho Paulo Ricardo e tia Flávia, minha madrinha Ana Paula e tio André e meus primos, irmãos de coração, Amanda, Tiago, André e Ana Beatriz pelos momentos e contribuições inestimáveis. Meus tios e primos, José, Deise, Sandro, Junior, Rogério, e toda a minha família pelo apoio de sempre.

Agradeço à Universidade Federal Fluminense não só pelos anos de estudo, mas a formação humana que adquiri diante da rotina nesse ambiente rico em tantos sentidos. À equipe do Departamento de Cinema e Vídeo e do Instituto de Artes e Comunicação Social, agradeço também pelo trabalho.

Agradeço, especialmente, à prof.^a Eliany Salvatierra pela dedicação na orientação deste trabalho, pelas conversas e encontros proveitosos ao longo do curso e pelo carinho de sempre. Agradeço aos professores da Licenciatura em Cinema e Audiovisual, em particular, o prof. João Luiz Leocadio e a prof.^a Alice Yamasaki por terem aceitado integrar a banca desse trabalho, bem como pelos ensinamentos e assistência em tantos momentos, que contribuíram enormemente para a realização desse estudo e minha formação docente.

Agradeço aos professores que fizeram parte de minha jornada: os da família, da escola, dos cursos e da vida, pois todos são parte do que sou hoje. E em especial, aos profissionais entrevistados para a realização desse trabalho, pelas produtivas conversas e aprendizados. Bem como às equipes do Centro Cultural Boa Viagem e do Movimento de Mulheres em São Gonçalo, pelas experiências práticas possibilitadas, acerca do Cinema e Educação.

Agradeço novamente a meus pais e aos professores José Robson e João Malheiro, além de meu amigo e padrinho Gustavo Lucena, pelo apoio na decisão de ingressar nesse curso.

Agradeço a todos os meus amigos. Ana e Keven, pelos conhecimentos compartilhados. Everton, Léo e Thiago pela companhia irreverente. Aline, Rufino e Gabriel pelos inesquecíveis momentos. Rafael, Amorim, Nathan, João, Kawai e Bruno pelos anos de amizade. Ruan, Wesley e Yuri, irmãos que a vida me deu. Esther, minha companhia de todos os momentos e fonte de inspiração nesse ano tão cheio.

Agradeço à Karoline, por ser minha ouvinte e pelo apoio profissional nas horas difíceis.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

RESUMO

As sucessivas inovações tecnológicas que vêm acontecendo nas últimas décadas contribuíram para a expansão do audiovisual e novas mídias digitais, seja em relação a sua diversidade de recursos, seja pela sua popularização, diante de sua acessibilidade. Fato é que a educação básica, responsável pela constituição da identidade sociocultural dos sujeitos, deve contribuir para a humanização desses meios, através de uma formação crítico-reflexiva e que promova experimentações estéticas e criativas para os discentes. A presença do Audiovisual nos processos de ensino tem se intensificado. As relações entre Cinema e Educação, no entanto, são objeto de estudo já desde o início do século XX. Enquanto mediadores da aprendizagem na escola e, simultaneamente, sujeitos dessa sociedade audiovisual, os professores têm papel fundamental nesse cenário. Diante da relevância do tema, esse trabalho propõe uma reflexão, a partir da análise de uma série de entrevistas, em diálogo com autores pertinentes ao tema, buscando entender, em parte, como vem se estruturando a visão docente sobre a relação do Cinema e o Audiovisual na educação básica.

Palavras-chave: Cinema. Audiovisual. Educação.

ABSTRACT

The successive technological innovations that have been happening in the last decades have contributed to the expansion of audiovisual and new digital media, both in terms of their diversity of resources and popularity, due to their accessibility. The fact is that basic education, responsible for the constitution of the sociocultural identity of the subjects, must contribute to the humanization of these means, through a critical-reflexive formation that promotes aesthetic and creative experiments for the students. The presence of Audiovisual in teaching processes has intensified. The relation between Cinema and Education, however, has been the subject of study since the early twentieth century. As mediators of learning at school and, simultaneously, subjects of this audiovisual society, teachers play a fundamental role in this scenario. Given the relevance of the theme, this paper proposes a reflection, based on the analysis of a series of interviews, in dialogue with authors pertinent to the theme, seeking to understand, in part, how the teacher's view on the relation between Cinema and Audiovisual in basic education has been structured.

Keywords: Cinema. Audiovisual. Education.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	07
2	CINEMA, AUDIOVISUAL E EDUCAÇÃO BÁSICA	11
2.1	Audiovisual e o currículo escolar: breve histórico das legislações de artes visuais na educação básica	11
2.2	Cinema e Educação: diálogos possíveis	17
2.2.1	Breve histórico sobre as relações entre Cinema e Educação no Brasil	17
2.2.2	Cinema e Educação: algumas propostas	20
2.3	Licenciatura em Cinema e audiovisual da UFF: reflexões sobre o audiovisual na educação a partir das propostas do Curso	27
3	COMO OS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO VEEM O AUDIOVISUAL	31
3.1	Critérios adotados e apresentação dos professores selecionados	32
3.1.1	Seleção dos entrevistados	32
3.1.2	Elaboração das perguntas	33
3.1.3	Apresentação dos professores selecionados	34
3.2	Análise das entrevistas	35
3.2.1	“Quando eu falo ‘Cinema’, o que vem na cabeça?”	35
3.2.2	“Como você percebe a presença do audiovisual na escola?”	39
3.2.3	“O que ainda poderia ser feito?”	45
4	CONCLUSÃO	52
5	REFERÊNCIAS	56
5.1	Obras citadas	56
5.2	Obras consultadas	58
6	APÊNDICES	61
6.1	APÊNDICE A – Entrevista com a professora Monique	61
6.2	APÊNDICE B – Entrevista com o professor Luiz	68
6.3	APÊNDICE C – Entrevista com o professor Robson	73
6.4	APÊNDICE D – Entrevista com o professor Daniel	77

1. INTRODUÇÃO

Todos aqueles para os quais o cinema contou na vida, não como um simples passatempo, mas como um elemento essencial de sua constituição, e que souberam bem cedo que seria a esta arte que dedicariam, de uma maneira ou de outra, a sua vida, têm em mente uma autobiografia imaginária que é a de sua vida de cinema. No meu romance pessoal, fui salvo duas vezes: pela escola e pelo cinema. (BERGALA, 2008, p.13).

Assim descreve A. Bergala, ainda no início de seu livro “A Hipótese-Cinema”, a importância da escola e do cinema, sem os quais “nunca teria acesso à vida e à cultura”, sendo, portanto, uma “tábua de salvação”. Da mesma forma, considero que tanto a escola, quanto o Cinema¹, foram elementos que transformaram de forma extensiva meu acesso ao conhecimento e meu repertório cultural. Desde a conclusão do ensino médio, tenho consciência do meu interesse pela relevância da ação educadora. Além disso, mais recentemente, enquanto aluno do curso de Cinema e Audiovisual, pude revisitar sob um novo olhar os âmbitos escolar e cinematográfico. Adquiri ao longo dos estudos na universidade, conhecimentos acerca das diversas competências do Audiovisual. Tive acesso a novas leituras e práticas sobre seus pressupostos técnicos e teóricos, bem como desenvolvi uma nova consciência crítica a respeito de suas aplicações na esfera social. Optando pela habilitação em licenciatura, soma-se a isso uma nova contextualização das potencialidades do Cinema, em seu caráter pedagógico.

Acredito profundamente que a essência do Cinema, da Arte em geral, é a criatividade. Trata-se de uma expressão daqueles que são tocados de maneira especial pela realidade e, por isso, tendem agora a superá-la através da imaginação e a produção de algo novo. Da mesma forma, acredito que somos sujeitos que fazem parte de uma coletividade não só no sentido de sociedade, mas também de gerações. A educação é responsável por formar os indivíduos e conscientizá-los de seu papel nessa conjuntura, de forma que todos possam contribuir para a construção de um mundo novo, em constante evolução. O Cinema, enquanto Arte, e a Educação devem trabalhar para que nos tornemos mais criativos, ajudando a transformar esse mundo através de novas ideias.

¹ Neste trabalho, os termos Cinema e Audiovisual serão grafados com inicial maiúscula quando se referirem a um campo; área de estudo e conhecimento; disciplina. E com inicial minúscula nos demais casos, por exemplo, para tratar de recursos; práticas; expressões; invenção; suporte; sinônimo de lugar (sala de cinema) ou formato (vídeo, filme etc.). O mesmo vale para Arte, enquanto disciplina, e arte como produção; prática; obra artística. Assim como o campo, Educação, e educação como prática de ensino. Os ciclos da educação básica, como ensino fundamental e semelhantes, serão grafados com inicial minúscula, em conformidade com o texto dos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Desde o início do século XX, há o interesse em estabelecer relações entre o Cinema e o campo da Educação, com a ideia de torná-lo um recurso eficiente para a difusão de conhecimentos, diante da percepção da capacidade de influência de suas imagens sobre o público. Com o passar dos anos e sucessivas inovações tecnológicas, não apenas o cinema, mas novos meios audiovisuais têm papel crescente na atual sociedade. Cada vez mais, estimulam-se a visualização e a produção de vídeos, de forma simples e acessível, principalmente entre os mais jovens. Nesse cenário, é natural que a inserção de novas mídias audiovisuais tenha se tornado crescente também em meio aos processos de ensino-aprendizagem.

No entanto, não parece haver uma preocupação sobre como essa expansão do acesso aos recursos audiovisuais vem impactando o desenvolvimento humano desses indivíduos. Por isso, é importante promover um novo modelo de educação, que invista na formação audiovisual, especialmente entre os discentes da educação básica. Isso porque a escola tem papel fundamental na promoção de um pensamento crítico-reflexivo, portanto, deve ter em foco as novas mídias, que vêm ganhando cada vez mais espaço e influência e, conseqüentemente, devem ter seu papel e significância questionados e contextualizados. A experiência estética e reflexiva de analisar um filme, somada à importância da criação e experimentação coletiva durante a produção de um material audiovisual têm muito a acrescentar na constituição da identidade desses sujeitos.

A partir da relevância desse tema, decidi desenvolver meu trabalho de conclusão de curso. Desejo que ganhou força principalmente no decorrer dos períodos de estágio nas disciplinas de Pesquisa e Prática de Ensino do curso de Licenciatura em Cinema da Universidade Federal Fluminense (UFF). Pensando em questões pertinentes como: “Onde está o audiovisual na escola em uma sociedade que vive imersa nesse meio?” “Qual é o papel da educação nesse sentido?” E ainda, “quando pensamos nesse tipo de educação, estamos falando em: Educação em Cinema ou uma educação mediada pelo cinema?” É inegável que recursos e produtos audiovisuais estão presentes no processo de escolarização, no entanto, é efetiva a forma como estão sendo utilizados?

Em um primeiro momento, a impressão que predomina é de que o Cinema não é visto como uma potência a ser acrescentada ao processo educacional. As principais causas desse problema são aparentemente duas. A primeira se refere à forma como o cinema comercial está inserido em nossa sociedade e o seu consumo em larga escala cria uma associação direta entre o audiovisual e o entretenimento e afasta seu papel do pensamento crítico sobre a realidade. Outra questão é o modo como o sistema educacional está organizado

de forma ineficiente, onde a transmissão dos conteúdos é supervalorizada em detrimento de outros processos efetivos de aprendizagem, com recursos mais lúdicos, experiências estéticas e mais humanizadas.

Defendendo a presença de uma educação que inclua o Cinema e o Audiovisual no ensino básico, nota-se que os professores deveriam ser os primeiros a inteirar-se do tema e suas propostas, por serem os mediadores das relações de aprendizagem na escola. Partindo desse raciocínio, e tendo consciência de que o audiovisual é uma realidade também em seu cotidiano, busco neste trabalho entender: “como os profissionais da educação veem o audiovisual?” Ou seja, a que papel eles o atribuem e de que forma ele está, ou não, incorporado em suas práticas pedagógicas.

O objetivo geral desse projeto foi estudar essas questões, a fim de entender quais potencialidades são exploradas nessa relação entre Cinema, Audiovisual e Educação, tendo em mente a importância da promoção da formação estética dos estudantes. Para isso, os objetivos específicos a serem atingidos foram: perceber de que forma o cinema e o audiovisual são entendidos e consumidos pelos professores; como estão presentes em suas propostas de trabalho e de que maneira podem vir a ser melhor explorados.

Para tanto, a metodologia adotada consistiu em dois processos principais: a pesquisa bibliográfica e a análise de dados a partir de breves entrevistas com professores e profissionais da educação no município de São Gonçalo, estado do Rio de Janeiro. Em relação ao estudo bibliográfico, objetivei não só revisitar os títulos que serviram de referenciais teóricos para a proposição desse tema, mas principalmente, uma reflexão sobre “o lugar” do Cinema e Audiovisual na educação básica.

Quanto à pesquisa de campo, realizei quatro entrevistas, com três professores do ciclo básico e um diretor pedagógico, atuantes na rede pública e privada de ensino. Nossa conversa foi pautada por perguntas referentes a que tipo e de que forma se dá o consumo do audiovisual por parte deles, além de uma possível aplicabilidade de seus recursos em sala de aula. Em seguida, as informações por eles expostas foram analisadas em diálogo com a reflexão teórica desenvolvida a partir das leituras prévias.

Esse trabalho inicia-se por um estudo das legislações pertinentes ao Cinema e Audiovisual no segundo nível do ensino fundamental da educação básica, dando atenção especial aos Parâmetros Curriculares Nacionais e as Diretrizes Curriculares Nacionais, pensados a partir da Lei de Diretrizes e Bases da educação brasileira. Como não há citações diretas ao Cinema como um componente curricular, essa reflexão foi pautada no currículo de Arte. Na sequência, há um breve histórico das relações entre Cinema e Educação e, por fim,

uma reflexão sobre a importância do curso de Licenciatura em Cinema e Audiovisual da Universidade Federal Fluminense no atual cenário. O segundo capítulo corresponde às análises e considerações feitas a partir das entrevistas realizadas com os professores convidados. Espera-se que o presente texto contribua com outros interlocutores, parceiros do Cinema-Educação.

2. CINEMA, AUDIOVISUAL E EDUCAÇÃO BÁSICA

2.1. Audiovisual e o currículo escolar: breve histórico das legislações de artes visuais na educação básica

Refletir sobre o campo do Cinema e suas potencialidades para a Educação, através da visão dos profissionais da área, implica, primordialmente, no entendimento da organização do ensino básico e das orientações já existentes em relação ao Audiovisual no currículo escolar. No entanto, uma vez que o Cinema e o Audiovisual não se caracterizam propriamente como disciplinas, seu estudo estará baseado no campo das Artes Visuais, uma das modalidades do ensino de Arte. A educação infantil, o ensino fundamental e médio são os níveis que compõem o ciclo básico, que é orientado, de acordo com a Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação, pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB):

Lei nº 9.394, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica e o Plano Nacional de Educação, aprovado pelo Congresso Nacional em 26 de junho de 2014.¹

A LDB, de dezembro de 1996, é a legislação que passou a regulamentar todo o sistema educacional do Brasil a partir de sua aprovação. No presente texto será dada atenção ao que diz respeito ao ensino fundamental II da educação básica. A LDB define que esse nível de ensino deve ter seu currículo norteado pelas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs), além de uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Originalmente, a LDB não fala diretamente em “Cinema”, mas sim, Artes Visuais. O texto da lei, em seu Artigo 26, aponta: a obrigatoriedade do ensino de Arte, como componente curricular obrigatório na educação básica (parágrafo 2), sendo as Artes Visuais parte desse currículo (parágrafo 6). Contudo, por ser um elemento cultural pautado na imagem, estaria já prevista a possibilidade dos estudos sobre Cinema na educação básica, através da LDB, segundo essa concepção, ainda que não houvesse citação direta ao termo. Somente com a criação da Lei nº 13.006/2014, inclusa no parágrafo 8 desse mesmo artigo, o campo cinematográfico passou a ser mencionado no contexto escolar, ainda que restrito à prática de exibição, do discente como espectador. Definindo que “a exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da

¹ Apresentação da Secretaria de Educação Básica no “Portal do MEC” do Ministério da Educação. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/secretaria-de-educacao-basica/apresentacao>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, 2 (duas) horas mensais”. Mais adiante, serão discutidas questões relativas ao texto da lei, mas por hora, é pertinente atentar-se ao reconhecimento da importância da presença do audiovisual em sala de aula.

Entre 1997 e 2000, criaram-se os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), respectivamente, para o ensino fundamental do 1º ao 5º ano (1997), para o 6º ao 9º ano (1998) e para o ensino médio (2000). Os PCNs atuam como um currículo mínimo, referenciais para propostas, conteúdos, materiais e objetivos didáticos, além de métodos de avaliação. Apesar de não obrigatórios, sua organização por disciplinas lhes configura um caráter relativamente objetivo. Por conta disso, são um elemento significativo para estudar a relação entre Cinema, Audiovisual e Educação. Para tanto, propõe-se uma análise sucinta dos PCNs de Arte, no período do ensino fundamental II. Em primeiro lugar, por essa disciplina ser um componente curricular obrigatório, conforme supracitado. Além disso, essa é uma fase em que os estudantes podem e devem ser estimulados a perceberem o expressivo capital cultural que têm acumulado. De acordo com os Parâmetros, no período do 6º ao 9º ano, há maior capacidade de assimilação das linguagens artísticas e de interpretação e reflexão sobre obras de arte.

Agora, o aluno estabelece conexões com mais clareza entre os trabalhos escolares e a cultura extraescolar, que envolve os objetos de estudo, tanto no âmbito de sua comunidade como no da produção nacional e internacional à qual tiver acesso. (BRASIL, 1998, p.61).

Por outro lado, ainda é um período em que muitos conhecimentos, ideias e concepções estão sendo formulados em sua consciência. Por isso, a educação tem papel fundamental nessa etapa, e o audiovisual, com expressiva presença na atual sociedade, merece ser estudado com grande atenção.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte no ensino fundamental iniciam de forma a destacar a importância dessa disciplina para o currículo escolar. O objetivo geral dessa área é a educação artística e estética dos alunos, como parte imprescindível de sua formação e desenvolvimento enquanto cidadãos.

Ao aprender arte na escola, o jovem poderá integrar os múltiplos sentidos presentes na dimensão do concreto e do virtual, do sonho e da realidade. Tal integração é fundamental na construção da identidade e da consciência do jovem, que poderá assim compreender melhor sua inserção e participação na sociedade. (BRASIL, 1998, p.20).

Cabe à disciplina de Arte a aproximação dos estudantes com seu contexto sociocultural, isso é, desenvolver sua percepção crítica e estética para as manifestações culturais extraescolares. Ainda segundo os Parâmetros, é no exercício da criação e na apreciação de produções artísticas que eles desenvolvem e integram a percepção, pensamento, imaginação, aprendizagem, sentidos, expressão e comunicação. Além disso, o conhecimento de diferentes culturas leva à compreensão da diversidade humana e das transformações sociais e no meio ambiente ao longo do tempo, permitindo que contribuam futuramente para uma melhor qualidade de vida.

Avançando na leitura dos PCNs, percebe-se que os objetivos gerais e conteúdos do ensino de Arte devem articular: a produção, a apreciação e a contextualização, ou seja, associar teoria, prática e reflexão no processo de aprendizagem, garantindo que os alunos percebam que a criação artística sempre esteve ligada a contextos históricos, culturais, sociais e ambientais. De acordo com os Parâmetros (BRASIL, 1998, p.50), esses três eixos são definidos da seguinte forma:

“Produzir refere-se ao fazer artístico (como expressão, construção, representação) e ao conjunto de informações a ele relacionadas (...)”. “Apreciar refere-se ao âmbito da recepção, incluindo percepção, decodificação, interpretação, fruição de arte e do universo a ela relacionado”. “Contextualizar é situar o conhecimento do próprio trabalho artístico, dos colegas e da arte como produto social e histórico (...)”. A produção e a apreciação devem ser sempre contextualizadas para sua maior eficiência. Através desse formato, acredita-se que os alunos passem a perceber a Arte para além de uma disciplina escolar, como um campo que permite a manifestação criativa, expressiva e de percepção, de caráter sensível e cognitivo.

Nos anos finais do ensino fundamental, os Parâmetros dividem a Arte em modalidades distintas. São elas: Artes Visuais, Dança, Música e Teatro. A seguir, abordam-se apenas os trechos referentes às Artes Visuais, visto que a proposta desse trabalho se refere às relações entre Educação, Cinema e Audiovisual.

Essa discussão nos PCNs tem início com a afirmação da presença cada vez maior de recursos imagéticos e audiovisuais na sociedade atual, mais do que em qualquer outro momento da história da humanidade. Vale destacar que essa redação já tem mais de 20 anos desde que foi pensada, logo, as inovações tecnológicas que contribuíram para acentuar a difusão desses meios só reforçam a necessidade de um novo olhar sobre eles, por intermédio da educação escolar. “A criação e a exposição às múltiplas manifestações visuais gera a necessidade de uma educação para saber ver e perceber [...]. Por isso é importante que essas reflexões estejam incorporadas na escola [...]” (BRASIL, 1998, p.63).

Ainda de acordo com os PCNs, a modalidade visual de Arte inclui diversos itens, resultantes principalmente do desenvolvimento tecnológico e estético ocorridos no século XX. Entre esses, destacam-se a fotografia, o cinema, a televisão, o vídeo, a computação e outros. Novamente, demonstrando a presença massiva dos recursos audiovisuais na contemporaneidade e a forma como imagens têm se articulado cada vez mais a textos, sons e espaços físicos.

A educação de artes visuais requer entendimento sobre os conteúdos, materiais e técnicas com os quais se esteja trabalhando, assim como a compreensão destes em diversos momentos da história da arte, inclusive a arte contemporânea. Para tanto, a escola, especialmente nos cursos de Arte, deve colaborar para que os alunos passem por um conjunto amplo de experiências de aprender e criar, articulando percepção, imaginação, sensibilidade, conhecimento e produção artística pessoal e grupal (BRASIL, 1998, p. 63).

Os Parâmetros enfatizam ainda, a importância da incorporação das culturas juvenis no ambiente escolar dos alunos, isso é, a interdisciplinaridade entre conteúdos curriculares, os contextos extraescolares e o audiovisual. Para que além da preocupação com a ampliação de seu repertório cultural e do desenvolvimento do olhar crítico sobre produções visuais e audiovisuais, eles também sejam vistos como produtores, ou seja, indivíduos com potencial de criação. É necessário que saibam comunicar-se e expressar-se através das artes visuais, interagindo com materiais e meios como computador, fotografia, vídeo e cinema, além de conhecer diversos elementos de linguagem, artistas e obras desses meios.

Já as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs), que têm sua origem prevista na Lei de Diretrizes de Bases, somente foram concebidas e fixadas através do Conselho Nacional de Educação (CNE) pela Resolução nº 4/2010, que define Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. Percebe-se, a partir de sua leitura, que seu objetivo é estruturar os princípios gerais da educação básica contidos na LDB e na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Vale destacar que as Diretrizes preservam as autonomias das escolas, dos professores e seus respectivos projetos pedagógicos, sendo, portanto, uma orientação geral, apesar da obrigatoriedade de seu cumprimento, para o planejamento curricular. Apontam ainda para a valorização do pensamento crítico-reflexivo e a importância da integração do aprendizado nas escolas aos contextos socioculturais dos alunos e da comunidade em que estão inseridos. Outro aspecto importante diz respeito ao papel de responsabilidade coletiva entre a escola, a família, a sociedade e o poder público para uma eficaz sustentação do projeto nacional de educação.

As Diretrizes têm como proposta formar um sujeito histórico, visto que visa articular os aprendizados próprios da sala de aula com os contextos sociais, culturais, históricos e outras formas de conhecimento adquiridas no ambiente extraescolar. Cidadãos que tenham consciência de seu meio e que, após a formação básica, estejam aptos para provocarem mudanças, isso é, sujeitos participativos, ativos em seu cotidiano, com identidade própria e transformadores de sua história e comunidade, contribuindo para a sociedade através de seu trabalho.

No tocante à presença do ensino de Arte no projeto educacional proposto pelas Diretrizes, é importante reiterar que um dos objetivos do ensino fundamental é a compreensão das artes e tecnologias pelos alunos. Também entre os três princípios dessa etapa da educação básica: ético, político e estético, destacam-se nesse último, ações que reafirmam a importância do estudo de Arte em sua formação. São eles: o cultivo da sensibilidade e racionalidade; o enriquecimento das formas de expressão dos estudantes e o desenvolvimento de sua capacidade criativa, além da valorização de manifestações culturais. Portanto, pode-se dizer que a educação artística tem sua importância prevista nas DCNs, sendo fundamental para o entendimento dos discentes a respeito de diversas expressões culturais a que são expostos no cotidiano, permitindo que eles as encarem de maneira consciente, isso é, podendo buscar nelas formas de entretenimento, expressão e reflexão crítica.

Uma vez que as Diretrizes evidenciam a importância de um aprendizado de caráter crítico-reflexivo sobre as linguagens e elementos culturais da rotina dos estudantes, torna-se pertinente a presença de uma educação audiovisual nas instituições de ensino básico. Isso porque o cinema e outros suportes de vídeo são demasiadamente difundidos na sociedade contemporânea. Não se pode negar que já são usados como plataforma de lazer e comunicação. Cabe às escolas desenvolver projetos que viabilizem o entendimento efetivo de suas potencialidades, isso é, superando seu mero consumo massivo e aprendendo a utilizá-los como linguagem e forma de exprimir-se, artística e socialmente.

Por fim, apesar de também já prevista na LDB de 1996, a BNCC somente recebeu efetiva atenção em 2014, através do Plano Nacional de Educação (PNE). A partir daí, uma 1ª versão foi elaborada e divulgada em 2015 para consulta pública, dando origem a uma segunda redação no início de 2016. Estudos e discussões sucederam-se ao longo do ano seguinte, até que em 2017 a nova versão, correspondente às etapas da educação infantil e ensino fundamental, foi homologada. E em 2018, do ensino médio. O Ministério da Educação (MEC) tem expectativa de que até o findar de 2020, todas as escolas do território nacional

tenham reorganizado seus currículos e projetos pedagógicos a fim de atender às orientações da nova base, que também implicará a adequação de faculdades de formação de professores.²

Como o próprio nome elucida, a BNCC estabelece conteúdos e competências que são de caráter fundamental e obrigatório para a formação do aluno ao longo da educação básica. Trata-se de uma série de orientações, direitos e objetivos indispensáveis para a aprendizagem. Por ser mais recente e de caráter mais direto que a LDB, a BNCC de 2018 já apresenta termos propriamente relacionados aos estudos em Audiovisual no campo das Artes Visuais, conforme pode-se constatar nas habilidades previstas para esse campo: “(EF69AR03) Analisar situações nas quais as linguagens das artes visuais se integram às linguagens audiovisuais (cinema, animações, vídeos etc.) [...]” (BRASIL, 2018, p.207).

A partir dessas leituras, percebe-se, nessa breve trajetória, que as orientações para a educação básica vêm, aos poucos, acompanhando os sucessivos avanços tecnológicos, buscando inserir no currículo escolar as relações sociais e midiáticas. Percebe-se que há o reconhecimento da presença do audiovisual na sociedade, bem como, a importância de sua prática no contexto escolar. De acordo com o texto dos PCNs e DCNs, as competências propostas em Artes Visuais para o ensino fundamental atendem significativamente as necessidades para uma formação histórica, cultural, estética, crítica e cidadã mediante as relações entre Arte, Audiovisual e sociedade. Destacam-se, nesse contexto, propostas que objetivam superar um papel passivo de consumo, seja pelo estímulo a um olhar mais atento sobre os produtos midiáticos, ou ainda, para a produção audiovisual por parte dos discentes.

Os PCNs e DCNs, no entanto, não apresentam como se devem dar essas práticas. Não se faz aqui uma crítica a sua estrutura, uma vez que não é de sua competência fazer essa delimitação. Todavia, entende-se que ficam incumbidos de pensar esses processos a escola, os professores e demais profissionais responsáveis pelo planejamento pedagógico da instituição. Refletindo sobre as possibilidades acerca da presença do cinema e audiovisual na sala de aula, a fim de definir os caminhos a serem percorridos na abordagem de sua linguagem, análise e produção.

O que se observa na realidade, porém, é, por vezes, uma educação que prioriza o cumprimento de propostas didáticas e pedagógicas mais restritas, valorizando o conteudismo em detrimento da promoção de saberes e práticas mais participativas, que acrescentem experiências positivas para o aprendizado dos estudantes. Nesse sentido, é importante que se

² Consulta realizada na seção “histórico” do site da Base Nacional Comum Curricular do Ministério da Educação (MEC). Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/historico>> Acesso em: 17 nov. 2019.

ressalte a necessidade do aprendizado da linguagem cinematográfica e a realização de experimentações audiovisuais, para que se possa melhor analisar e criar esses produtos.

É preciso que as práticas em sala de aula atinjam os objetivos e metodologias apresentados nos Parâmetros e Diretrizes Curriculares. Exibir um filme ou solicitar a entrega de um trabalho em formato de vídeo não significa necessariamente que o audiovisual esteja sendo utilizado apropriadamente. É possível indagar, será que a mera criação de obras audiovisuais com base em padrões técnicos e/ou estéticos é suficiente? Não seria necessário que também fosse feita de forma a desconstruir possíveis formatos pré-determinados, valorizando a experimentação e imaginação dos estudantes? Sem dúvidas, o diálogo entre Cinema e Educação é extremamente rico e traz novas potencialidades a ambos os campos. Assunto esse que vem sendo discutido desde o século passado.

2.2. Cinema e Educação: diálogos possíveis

2.2.1. Breve histórico sobre as relações entre Cinema e Educação no Brasil

De caráter moderno desde seu princípio, o cinema costuma ter sua origem datada de 1895, quando em 28 de dezembro, os irmãos Lumière fizeram uma projeção de filmes curtos para um pequeno público pagante, no salão Indiano do *Gran Café*, em Paris. Não muito tempo depois, desde o início do século XX, iniciou-se um processo de pensar possíveis relações com o campo da Educação. A ideia de tornar o cinema um meio para a difusão de conhecimentos começou a conquistar adeptos em vários países, incluindo o Brasil (DUARTE e ALEGRIA, 2008, p.61).

É fato que a imagem sempre foi um elemento fortemente presente na comunicação humana. Sua capacidade de promover interlocuções é inegável. Por conta disso, desenho, pintura, simbologias, fotografia e, posteriormente, o cinema, são, essencialmente, elementos de transmissão de informações. Em certo grau, a comunicação tem relação com a educação, uma vez que, o ato de educar pode ser entendido como a troca de informações entre docentes e discentes, promovendo novos aprendizados. Portanto, todo tipo de filme promove algum conhecimento, ao provocar o espectador, despertar emoções. Nesse texto, porém, serão expostas passagens que promovam o diálogo do Cinema com a Educação em um contexto predominantemente escolar.

O que se percebe através da leitura de autores que abordam essa temática pelo viés histórico, é que ao longo dos anos 1920, intensificou-se o interesse por parte de agentes

sociais como educadores, produtores de filmes e entidades religiosas e estatais, na influência do cinema sobre o público. Entretanto, a utilização dos recursos cinematográficos era vista de maneira superficial, apenas como uma nova forma de ilustrar, um modo mais “fácil” e eficiente de transmitir conhecimentos, sem que houvesse preocupação com o desenvolvimento de um pensamento crítico.

A cinematografia passou a ser entendida como uma promessa de solução rápida para a árdua tarefa da educação dos brasileiros e, em decorrência, como um caminho fácil para superar a incapacitação do povo para se comunicar e entrar em contato com o resto do mundo. (DUARTE e ALEGRIA, 2008, p.65).

Nota-se que na década seguinte, esse pensamento se consolida e a ideia de utilizar o cinema como recurso pedagógico ganha força. Como consequência, surgem legislações recomendando o uso de recursos cinematográficos e filmes em sala de aula, porém, em um contexto de censura e valorizando produções de cunho educativo moralista, de acordo com o pensamento da época.

O que podemos perceber, portanto, é o efetivo interesse de um grupo de educadores brasileiros em integrar o cinema e a educação nesse grande movimento de constituição de um plano nacional de educação, pensada como obrigação do Estado e destinada à formação obrigatória e indiscriminada [...]. (FRANCO, 2010, p.14).

Esse cenário também contribuiu para o surgimento das primeiras leis de reserva de mercado, garantindo espaço para filmes nacionais nas salas exibidoras. Uma tentativa de aumentar a valorização e produção do cinema nacional.

No início da década de 1930, Getúlio Vargas, que assumira o cargo de presidente, buscava modelos de instituições autoritárias e nacionais no exterior (ROSA, 2012, p.59). Nesse contexto, surge o Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE), cuja organização iniciou-se em 1936, tendo sua criação consolidada no ano seguinte, como “órgão oficial do Ministério de Educação e Saúde, através da lei n. 378” (ROSA, 2012, p.61). O objetivo inicial era orientar o uso da cinematografia na educação e incentivar a produção, circulação e exibição de filmes educativos. Tudo sob um contexto nacional. O Instituto incentivou a vertente educativa no panorama histórico do cinema brasileiro de forma inovadora. “Com efeito, até aquele momento, nada parecido havia sido organizado no Brasil”. (ROSA, 2012, p.56).

O INCE estava focado em utilizar o cinema enquanto instrumento de representação do Estado e transmissão de ideais como o patriotismo e a valorização do trabalho. É fato que, durante os anos de 1930 e 1940, para o governo, a ideia de educação era muito associada a de propaganda (ROSA, 2012, p.62). O Instituto e seus posteriores desdobramentos institucionais foram pelas próximas décadas a principal referência brasileira na interlocução entre cinema e educação escolar.

De fato, mudando de nome ou de alocação institucional (DFC – Departamento do Filme Cultural/INC; DONAC – Diretoria de Operações Não Comerciais/EMBRAFILME e Fundação do Cinema Brasileiro), esse trabalho voltado para a educação só foi encerrado em 1990, com as iniciativas arrasadoras do governo Collor na área das artes e da cultura. (FRANCO, 2010, p.15).

Depois disso, os discursos entre esses campos, por intermédio de legislações, somente serão retomados com expressividade na LDB, em 1996, com propostas que têm relação indireta com o meio audiovisual, através do estudo de Arte. Principalmente por meio das orientações dos PCNs, debatidos anteriormente.

Se por um lado, desde muito cedo as relações entre Cinema e Educação estão presentes, na contramão verifica-se, principalmente nesse período entre as décadas de 1920 e 1930, que se trata de um emprego dos filmes como uma mera ferramenta ilustrativa.

O cinema educativo, entendido como um importante auxiliar do professor no ensino e um poderoso instrumento de atuação sobre o social, foi debatido e defendido por muitos pedagogos e intelectuais paulistas e cariocas nos anos 20 e 30. (MORETTIN, 1995, p.13).

Apesar do forte interesse da presença de filmes no contexto da sala de aula, seu uso se restringe, na maioria das vezes, a um papel de exemplificação, de demonstração. Não são propostos estudos sobre linguagens cinematográficas, reflexões sobre a estética do filme, tampouco incentivos para um posicionamento mais ativo e participativo dos estudantes.

A esse uso da imagem como elemento secundário nas práticas educativas, a professora Anita Leandro, no texto “da Imagem pedagógica à pedagogia da imagem”, chama de “pedagogia do transporte”. Com isso, a autora quer dizer que as imagens, nesse caso cinematográficas, são empregadas para ilustrar conceitos de outros campos, não recebendo um estudo apropriado relativo às suas próprias linguagens.

A escola se apropria da imagem em movimento não como quem se aproxima de uma arte, a cinematografia, capaz, por si só, de pensar novas relações de espaço e de tempo, por exemplo, mas como quem busca um aditivo tecnológico para incrementar processos educativos em andamento, desencadeados por ciências já consolidadas [...] Embora hoje façam parte da nossa formação cultural, tanto quanto a Literatura, as imagens em movimento ainda não constituem um objeto de estudo em si. Elas ainda são um simples meio para o estudo de outros objetos, prioritários, porque científicos. (LEANDRO, 2001, p.29).

Portanto, mesmo em uma sociedade altamente repleta de conteúdos imagéticos nos mais variados contextos do cotidiano, o uso de filmes e vídeos como recursos educativos é, por vezes, meramente ilustrativo. Não se trata de uma utilização totalmente incorreta. O audiovisual, como linguagem, pode, e deve, pela sua capacidade de comoção, através de sua forte metodologia ilustrativa, ser utilizado como um meio para a transmissão e aclaração de conteúdos de modo mais elucidativo, didático. Entretanto, deve-se estar ciente de que esse método contribui para uma visão menos eficiente de suas potencialidades, atribuindo-lhe um papel de suporte, de uso instrumentalizado e não a ideia de “algo em si”, ou seja, um campo próprio, com elementos, linguagens, teorias e práticas a serem conhecidas e estudadas. Por conta disso, é de suma importância que esse não se configure como o único, ou principal, viés pelo qual seja abordado em sala de aula. São necessárias outras propostas que realmente valorizem a reflexão crítica e o fazer cinematográfico no âmbito escolar.

2.2.2. Cinema e Educação: algumas propostas

Nas últimas décadas, com as inovações tecnológicas e o papel cada vez maior do audiovisual na sociedade, a participação do cinema em meio ao processo educacional vem aumentando significativamente. Tornou-se comum a prática de ensino da linguagem audiovisual e o estímulo não só à visualização, através de novas mídias digitais mais acessíveis, mas também à produção de curtas-metragens e outros formatos de vídeos, especialmente entre os jovens. Isso ocorre nos mais diversos ambientes, especialmente através da internet, onde é possível ter acesso a conteúdos que explicam e estimulam a realização cinematográfica. Além disso, houve grande popularização de câmeras, agora mais alcançáveis através do celular, e com maior velocidade no registro, visualização, edição e compartilhamento de imagens e vídeos. No entanto, também por conta disso, em geral não ocorre paralelamente uma preocupação sobre a importância da instrução e humanização desses novos meios.

O cinema, bem como as demais formas de expressão artística, pode ser pensando, de modo geral, a partir de dois pontos de vista. O da apreciação e o do fazer, isso é, colocando-se como espectador da obra, nesse caso, um filme, ou, por outro lado, como um produtor. Enquanto o primeiro vai ter como ênfase o produto, as relações que o espectador cria a partir da observação, o segundo deve valorizar o “fazer”, ou seja, a experiência, os processos que levam a sua geração. Nos dois casos, é importante que seja feito de forma consciente, visando superar os aspectos técnicos, meramente instrumentais, envolvidos nos processos. Para isso, é necessário que se invista na educação audiovisual.

Um dos mais importantes papéis da educação é propor metodologias que sirvam aos alunos como um processo de formação de um pensamento crítico, ou seja, que permitam uma superação consciente do tradicional, seja qual for o campo de discussão. Diante desse panorama, cabe aos educadores pensar nas formas de organização da educação em parceria com o audiovisual. Não existem, contudo, regras para a aplicação dos recursos de cinema em sala de aula. As propostas podem variar desde a exibição de filmes com viés pedagógico como um complemento para demais disciplinas – apesar do formato ser criticado por diversos teóricos contemporâneos de Cinema e Educação – até propostas inovadoras para o contexto escolar. Através de uma reestruturação do olhar, uma educação estética ou mesmo práticas audiovisuais, colocando os alunos em um papel mais ativo, participativo. Diante dessa amplitude de possibilidades, existem, a princípio, pelo menos três maneiras distintas, mas não excludentes, de se utilizar o Cinema no âmbito da educação.

A primeira possibilidade é justamente essa que já foi mencionada anteriormente, o cinema como um recurso pedagógico, um instrumento didático. Nesse modelo, prevalece a prática de exibição de filmes. Apesar disso, não atua como uma ferramenta de entretenimento ou improviso, mas é articulada com as atividades curriculares da escola. Exemplo dessa prática encontra-se no livro “Como usar o Cinema na sala de aula”, de Marcos Napolitano, onde o autor discute o uso de filmes ficcionais no processo pedagógico. O professor Rogério de Almeida destaca que, nesse caso, a condição dessas obras é:

Servir a propósitos didático-pedagógicos que o transformam em referente de um significado que está em outro lugar que não no próprio filme. Assim considerado, o cinema é um mediador entre os alunos e o conteúdo a ser “discutido”, sem que entre na relação o conteúdo propriamente cinematográfico. É essa operação que constitui o que tenho chamado de pedagogização do cinema. (ALMEIDA, 2017, p.7).

O filme configura-se como uma obra de apoio para o professor, visando dinamizar as relações de ensino e aprendizagem, sendo um recurso lúdico, uma nova linguagem que complementa a transmissão e facilita a assimilação dos conteúdos apresentados. Por isso, se bem desenvolvida, pode auxiliar na prática de uma educação de caráter crítico-reflexivo. Seguida pela realização de debates a respeito do conteúdo fílmico, promove o diálogo entre a turma. Como aspecto negativo, no entanto, persiste na “pedagogia do transporte”, restringindo o cinema a uma função ilustrativa, sem a exploração de técnicas e linguagens cinematográficas, limitando as possibilidades de interpretação e o estudo do filme como obra independente. Além disso, pressupõe que haja estruturas para exibição, que não estão presentes em todas as escolas do país. Outrossim, a decisão sobre os filmes que serão selecionados e comentados é feita com base na subjetividade do professor e (sua percepção) da classe, comprometendo, de certa forma, uma efetiva exploração do universo cinematográfico, caso não haja uma formação e preparação adequada para essa escolha.

O segundo procedimento também tem como base a exibição de obras fílmicas. Entretanto, não se limita a uma articulação conteudista, pelo contrário, critica esse método e visa promover nos discentes o surgimento de um novo olhar sobre o mundo. Uma ressignificação estética e sociocultural. O livro *Cinema e Educação*, de Rosália Duarte (2002) traz apontamentos importantes no que diz respeito ao papel do Cinema como construtor de valores culturais, através de sua capacidade de descrever, informar e formar.

Certamente muitas das concepções veiculadas em nossa cultura... têm como referência significações que emergem das relações construídas entre espectadores e filmes... Determinadas experiências culturais, associadas a uma certa maneira de ver filmes, acabam interagindo na produção de saberes, identidades, crenças e visões de mundo [...]. (DUARTE, 2002, p.19).

É o que a autora chama de pedagogia do Cinema, isto é, a sua capacidade de promover novos saberes, uma nova percepção histórica, através da prática de se assistir filmes, mediante a articulação com os valores culturais do espectador. Com isso, revela uma abordagem histórico-social do Cinema, com base em autores como Bourdieu, Durkheim, Simmel e Hobsbawn. Entende também o espectador como um sujeito ativo que, mediante seu capital cultural, incluindo o repertório audiovisual, cria um significado, uma interpretação para os filmes assistidos.

Penso que a interpretação dos filmes, ou melhor, o modo como atribuímos significados a narrativas em imagem-som, é produto de um esquema (no sentido piagetiano) muito complexo, cuja estrutura de base é formada pela articulação entre informações e saberes constituídos em nossa experiência de vida e as informações e saberes adquiridos na experiência com artefatos audiovisuais (nesse caso, com outros filmes). A chamada "competência para ver" narrativas dessa natureza teria, então, como suporte essa articulação. (DUARTE, 2002, p. 72).

Por conta disso, defende o ensino da linguagem e dos contextos históricos do desenvolvimento do Cinema, para um maior aproveitamento dessa prática. “Conhecer os sistemas significadores de que o cinema se utiliza para dar sentido às suas narrativas aprimora nossa competência para ver e nos permite usufruir melhor e mais prazerosamente a experiência com filmes”. (DUARTE, 2002, p.38). Ainda nesse livro, contudo, Duarte destaca que o Cinema, apesar de valorizado, não é visto como fonte de conhecimento, devido às ideias de diversão e entretenimento atribuídas aos filmes e certa ignorância de sua importância para os patrimônios históricos e culturais da humanidade.

Outra autora que adota essa proposta é a professora Lucilla Pimentel, no livro “Educação e Cinema: dialogando para a formação de poetas”, em que defende o uso do audiovisual de forma a propor uma “formação do olhar do adolescente”, tornando-o “mais perceptivo, investigativo e crítico frente à realidade pessoal e à de seu entorno, justamente por trazer a presença da imagem e propiciar o uso de variadas linguagens”. (PIMENTEL, 2011, p.173). Para isso, no entanto, destaca o papel do professor, que deve estar apto a ser um mediador entre o filme e os discentes.

O olho revelador da câmera cinematográfica pode favorecer a formação do olhar do educando adolescente à medida que o educador – de olhar mais apurado – se posiciona como mediador na ressignificação desse seu olhar sobre o que revela a imagem em movimento. É o olho da câmera, conduzido pelo cineasta, que promove encontros com a condição humana. Ele é capaz de, na exposição de suas imagens, criar vínculos entre o ver externo e a interioridade do sujeito, sentimentos, imaginação, sonhos, desejos. (PIMENTEL, 2011, p.181).

A terceira e última proposição ultrapassa, mas não exclui, a exibição cinematográfica e propõe que os alunos sejam protagonistas, através de suas próprias produções audiovisuais. Nessa proposta, em geral critica-se a instrumentalização dos filmes como simples “mediadores” de conteúdo. Trata-se de um complemento à exibição. “Uma pedagogia da criação pode começar antes da passagem ao ato, desde a fase das primeiras aproximações com o filme”. (BERGALA, 2008, p.128). A prática é antecedida – ou concomitante – pela etapa de assistir e analisar filmes.

Pode haver uma pedagogia centrada na criação tanto quando se assiste filmes como quando se os realiza. Evidentemente, é essa pedagogia generalizada da criação que seria preciso conseguir implementar numa educação para o cinema como arte. (BERGALA, 2008, p.34).

Parte do novo olhar construído através das obras assistidas, por intermédio do professor, para propor agora a atuação dos alunos. É o momento de criar, experimentar, com base nos novos conhecimentos adquiridos pela educação estética e da linguagem cinematográfica. Com base nesse pensamento, valoriza-se o “fazer Cinema”, isso é, a experiência estética e criativa que a relação dos discentes com o audiovisual pode promover, sem querer buscar uma linguagem formal narrativa, mas permitindo uma livre experimentação. Em outras palavras, ainda que as produções resultantes dessas práticas não tenham os recursos ou “qualidades” técnicas de grandes produções, demonstram as possibilidades de criação através do audiovisual. Isso porque o objetivo não é a reprodução instrumental dos processos cinematográficos, mas o seu efetivo entendimento para que possa ser empregado na construção de discursos e criação de significados desejados pelos estudantes. Trata-se de um processo de conhecer as estratégias, as linguagens cinematográficas, para então “desconstruí-las”, e “reconstruí-las” sob uma nova perspectiva.

Os filmes desconstrutores não são apenas aqueles que mostram suas “entranhas”, mas também aqueles que, pelo modo como são construídos, carregam indicadores que revelam o que há de básico sobre as condições de produção e sobre seus códigos. (XAVIER, 2008, p.159).³

Tais metodologias são expostas e defendidas por autores como o cineasta francês Alain Bergala e a professora Adriana Fresquet.

Essas concepções de Bergala e Fresquet assinalam a importância de não reduzir o cinema na escola a uma práxis meramente analítica e intelectual, mas sobretudo criativa e sensível, razão pela qual apresentam propostas nas quais os alunos empunham câmeras e realizam experiências de cinematografia. (ALMEIDA, 2017, p.10).

³ XAVIER, Ismail. *O discurso Cinematográfico: a opacidade e a transparência*. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008. Ismail Xavier sobre a visão da *Cahiers du Cinema* no capítulo VI “O Cinema-discurso e a Desconstrução”, item (C – A desconstrução).

É o caso também da prática de cinema através de dispositivos. Proposta do projeto Inventar com a Diferença, que articula cinema, educação e direitos humanos através de exercícios lúdicos, protagonizados pelos alunos, que se expressam tendo como base o diálogo com aspectos do Cinema.

É no fazer cinema, lidando com o seu entorno, com a alteridade e com as diferenças, que adultos e crianças trabalham e inventam juntos. É durante o processo que descobrimos a força que existe em criar um ponto-de-vista sobre o mundo ou um lugar para ouvir aquilo que nunca antes havíamos parado para escutar.⁴

Vale destacar que, nessa metodologia prática, a posterior exibição dos conteúdos produzidos pelos alunos é fundamental para que eles possam apreciar, reconhecer e se identificar com suas produções. Assimilando que, de fato, o cinema é um recurso acessível e pode ser empregado para a construção e exploração de suas ideias.

Ainda dentro dessas práticas, buscando também um diálogo que se aproxime ainda mais do campo da Educação, é apreciável a interlocução que se pode estabelecer entre esse caráter do “desconstruir” cinema, tendo os alunos como protagonistas – seja através de uma observação consciente ou uma experimentação prática do audiovisual – com diversos ideais do educador Paulo Freire. No livro “Pedagogia do Oprimido”, por exemplo, dois conceitos importantes apresentados são a educação bancária, criticada pelo autor e a “dialogicidade”, defendida por ele. Com isso, Freire defende um modelo de educação em que os educandos não são meros “recipientes” que “recebem” os conteúdos do professor, a serem memorizados mecanicamente. Pelo contrário, defende uma educação libertadora, crítica e emancipatória, que busque uma reinterpretação da realidade, para que então os alunos, junto com o docente, possam dialogar e problematizar o conhecimento.

Na verdade, como mais adiante discutiremos, a razão de ser da educação libertadora está no seu impulso inicial conciliador. Daí que tal forma de educação implique na superação da contradição educador-educandos, de tal maneira que se façam ambos, simultaneamente, educadores e educandos. (FREIRE, 2014, p.34).

Nesse caso, o professor, apesar de mediar o encontro dos discentes com o cinema, não está acima, hierarquicamente, nessa relação. Tanto educador quanto educando

⁴ Apresentação do Inventar com a Diferença: cinema, educação e direitos humanos. Disponível em: <inventarcomadiferenca.com.br> Acesso em 17 nov. 2019.

apresentam-se em um mesmo nível, diante de suas posições como espectadores e sujeitos afetados pelo filme. Suas impressões devem ser trocadas, compartilhadas, sem a imposição de uma concepção específica, mas através da formulação de uma ou mais ideias, construídas com base nesse diálogo entre a classe como um todo, o que inclui o professor. Todos transformam o mundo, estabelecendo, com o meio e a sociedade, relações recíprocas.

Por isto, o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de idéias a serem consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 2014, p.45).

O filme exibido como um passatempo, ou apenas para ilustração dos conteúdos, como na “pedagogia do transporte”, atua como uma espécie de mero depósito de informações através das imagens. Sem uma proposição de diálogo sobre os processos, linguagens e outras relações presentes na obra, sua exibição é apenas uma transmissão de informações, que não leva em conta a relação sensorial dos alunos. Por outro lado, como uma proposta de educação crítico-emancipatória, está a exibição que propõe uma problematização, um novo olhar, a partir da experiência estética, e ainda as possíveis atividades práticas audiovisuais decorrentes. Nesse sentido, outro texto que merece atenção é a “Carta de Paulo Freire aos professores”, em que destaca que “estudar é um fazer crítico, criador e recriador” (FREIRE, 2001, p.260), isto é, implica sempre em uma leitura, não no sentido propriamente literário, mas sim, da compreensão. “O ato de estudar implica sempre o de ler, mesmo que neste não se esgote. De ler o mundo, de ler a palavra e assim ler a leitura do mundo anteriormente feita”. (FREIRE, 2001, p.260).

A ideia de leitura de mundo, nesse caso, significa uma reflexão sobre a realidade em que se vive, para que se possa desenvolver um novo conceito sobre ela. Tem relação direta com o caráter de transformação sociocultural do Cinema, destacado no texto de Rosália Duarte e nas práticas audiovisuais de Bergala e o projeto Inventar com a Diferença, por exemplo. Fica claro nesse texto, como a perspectiva de Freire valoriza a prática associada ao aprendizado. Nesses casos, a exibição do filme pode ser entendida como uma “leitura da palavra”, para em seguida, com base na relação estética como espectador ou na criatividade com a prática, aprender a “ler o mundo”. Isso porque a partir da dialogicidade proposta com base no filme e no debate sobre seus recursos de linguagem, estéticos e culturais, aprende-se a interpretá-lo de forma crítica, construindo uma nova leitura, ou melhor, um novo ponto de

vista, a partir dessa experiência. A prática audiovisual também está inclusa nesse caso, pois, na medida em que os alunos aprendem os aspectos técnicos e de linguagem cinematográfica, podem empregá-los para construir diálogos, experimentar e criar novas concepções sobre o mundo, sobre suas realidades.

As estratégias anteriormente citadas não são as únicas formas de se adotar o Cinema no contexto de sala de aula, tampouco a bibliografia sobre o tema está restrita aos autores mencionados. Contudo, o recorte dessa abordagem é resultado das reflexões de relevantes estudos decorridos ao longo da formação no curso de Licenciatura em Cinema e Audiovisual da Universidade Federal Fluminense. A partir dos apontamentos e pensamentos gerados pela bibliografia, os aprendizados e debates das aulas, construíram-se as bases para a elaboração desse trabalho.

2.3. Licenciatura em Cinema e audiovisual da UFF: reflexões sobre o audiovisual na educação a partir das propostas do Curso

A Licenciatura em Cinema e Audiovisual da UFF compartilha, em seu fundamento, uma série de questões que coincidem com as considerações feitas até o momento. Justamente por isso, o curso foi pertinente para a consolidação das perspectivas e referências que servem de estrutura para esse trabalho. Muitas delas podem ser notadas em uma recente (2015) entrevista para a revista de educação “Movimento”, concedida pelo professor João Luiz Leocadio, atual coordenador do curso. Em princípio, tal como a justificativa apresentada para o estudo dessa monografia, encontram-se o reconhecimento da significativa presença do audiovisual na sociedade contemporânea, sem uma devida ponderação das implicâncias culturais, estéticas e de representação desse cenário sobre o corpo social que influencia. Daí a necessidade da formação docente nessa área, para propor tais reflexões, principalmente, no contexto da educação básica. Escolas e cursos de Cinema já vinham oferecendo uma formação nos quesitos técnicos e de linguagem das produções audiovisuais, destaca o professor Leocadio. Configurando-se como um fator expressivo para motivar a criação de uma licenciatura na área.

De uma maneira geral, todas essas ações e projetos carecem de profissionais com formação docente na área do cinema e do audiovisual para atuarem como mediadores, multiplicadores e professores, cujos perfis e competências estão

presentes no projeto pedagógico da Licenciatura em Cinema e Audiovisual da UFF. (NOVA, 2015, p.5)⁵.

Outro ponto que merece atenção refere-se às legislações sobre a educação básica. Na parte inicial deste capítulo, houve significativa consideração sobre os Parâmetros e Diretrizes Curriculares Nacionais. Esses textos expressam a indispensabilidade da educação artística no ciclo básico e, em diversos momentos, apontam a importância da presença do audiovisual nessa etapa. Além disso, serviram também de base para a proposta do curso.

“Entre os regulamentos e leis que foram utilizados para alicerçar a proposta da nossa licenciatura podemos citar três instrumentos legais” (NOVA, 2015, p.6). São eles “o PCN de Artes da LDB”, “a Resolução do Conselho Nacional de Educação n. 10, de 27 de junho de 2006, que institui diretrizes curriculares nacionais do curso de graduação de Cinema e Audiovisual” e “o projeto de Lei n. 185 de 2008, de autoria do Senador Cristovam Buarque, transformado em Lei Federal n. 13.006, de 26 de junho de 2014, sobre a exibição mensal de duas horas de filmes brasileiros como componente curricular complementar nas escolas”. (NOVA, 2015, p.6).

Destaca-se na fala do professor Leocadio a lei 13.006/14, mencionada anteriormente, mas não propriamente desenvolvida a discussão acerca do tema. A obrigatoriedade apenas pela exibição, no entanto, além de restringir a abordagem do cinema apenas como produto e dos estudantes como espectadores, não garante sua implementação. No livro organizado pela professora Adriana Fresquet, “Cinema e educação: a Lei 13.006 – reflexões, perspectivas e propostas” são discutidas questões pertinentes ao tema. Fica claro em diversos momentos como existem obstáculos para o efetivo cumprimento dessa legislação: inexistência de infraestrutura em diversas escolas para a exibição de filmes e carência de acervos para sua busca; necessidade de critérios adequados e profissionais qualificados para a seleção da filmografia; desconhecimento da própria lei e da diversidade das produções nacionais por significativa parte dos professores; uso inadequado do Cinema, desqualificando sua proposta pedagógica e artística, entre outros.

Por fim, é importante enfatizar que a proposta da Licenciatura em Cinema e Audiovisual da UFF tem relação direta com uma metodologia prática de ensino em Cinema na educação básica, tal como o terceiro método proposto na parte anterior desse capítulo. Trata-se da ideia de dar protagonismo aos discentes e permitir que experimentem o cinema

⁵ Entrevista para a revista Movimento. NOVA, João Luiz Leocadio da. *A Licenciatura em Cinema na Universidade Federal Fluminense*. Entrevista concedida a Edith Frigotto e Ronaldo Rosas. Revista Movimento, Niterói: PPPGEUF, ano II, n.2, 2015.

como um fazer artístico, seguindo a ideia de “desconstruir” um padrão técnico e promover novos olhares.

Valorizar o processo em detrimento do produto é um ponto de vista que o projeto pedagógico pretendeu ressaltar para oferecer disciplinas em caráter de oficina que reúnem parte teórica e prática centradas na experiência do fazer e refletir. (NOVA, 2015, p.10).

Pressupõe-se que os docentes formados pelo curso sejam capazes “de transmitir para alunos de faixas etárias e extratos sociais diversos, [...] a experiência estética proporcionada pelas artes em geral e pelo cinema especificamente, contribuindo assim para o desenvolvimento de um senso estético crítico” (NOVA, 2015, p.12). Além disso, é importante que saibam fazer o diálogo entre a teoria e a prática do audiovisual nas escolas e instituições em que futuramente atuarão. Visão essa que, particularmente, compartilho.

Também deve ser capaz de fomentar a experimentação audiovisual com ênfase em produções que tenham cunho pedagógico, desenvolvendo assim o potencial expressivo e criativo do corpo discente que tenha contato com o audiovisual. (NOVA, 2015, p.12).

A partir dessas reflexões, tanto no que tange às legislações, como as relações entre Cinema e Arte e, por sua vez, sua presença na educação básica, bem como os autores aqui apresentados e minha experiência ao longo do curso de Licenciatura em Cinema e audiovisual, adquiri certa curiosidade em investigar tais relações na prática.

Como já dito, é inegável a presença do audiovisual no cotidiano da sociedade atual, o que resta é defender que a educação básica apresente uma formação nesse sentido, a fim de que possa promover reflexões críticas para os discentes. Assim, que eles possam adquirir um novo olhar, novos aprendizados estéticos, culturais, históricos, linguísticos e outros que sejam necessários ao desenvolvimento de perspectivas e práticas audiovisuais mais humanizadas e conscientes.

Dito isso, ainda que futuramente o Cinema e o Audiovisual sejam parte dessa formação básica, através de componentes curriculares efetivos nesse sentido, será necessário que os docentes adquiram uma formação específica para que possam abordar tais questões em sala de aula. Todavia, já agora, enquanto membros de seu corpo social, os professores, e outros profissionais da educação, têm seu cotidiano marcado pela presença dessas mídias,

imersos nessa sociedade audiovisual. Por isso, são sujeitos que se influenciam e exercem, em alguma medida, influência sobre esses meios.

Portanto, um dos objetivos desse trabalho foi investigar como os profissionais da educação veem o audiovisual hoje, mediante as relações que estabelecem com o Cinema, a televisão, os vídeos, a internet e outros formatos que consideram parte desse universo. Como percebem, que conceitos têm formados acerca dos significados, potências e possibilidades do audiovisual em diálogo com a educação?

3. COMO OS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO VEEM O AUDIOVISUAL

Após o estudo bibliográfico e o entendimento da presença do audiovisual no ciclo básico através das legislações, historiografia e experiências descritas por autores a respeito do tema, é chegado o momento de entender essa relação através da perspectiva dos profissionais que atuam nessa área. Partindo para a etapa prática do desenvolvimento desse trabalho, a proposta foi uma pesquisa de campo que visou estabelecer uma conversa com esse grupo a fim de perceber quais eram suas concepções e relações com o Cinema e o Audiovisual.

Isso porque, conforme explicado anteriormente, enquanto indivíduos dessa sociedade onde o audiovisual é amplamente difundido, apresentam, de certo, hábitos de consumo sobre esses meios. Por conseguinte, a experiência sensorial que têm nessa relação enquanto espectadores, contribui para o desenvolvimento de sua visão acerca do tema. Portanto, o objetivo era justamente perceber como esses profissionais da educação entendem o Audiovisual.

Na aproximação com diversos professores e suas práticas em sala de aula percebe-se que, por vezes, a presença do audiovisual é recorrente, no entanto, não é explorado em todas as suas potencialidades. É utilizado geralmente como suporte para o desenvolvimento das disciplinas e dos projetos pedagógicos escolares, sem ser efetivamente interpretado e estudado como uma área autônoma. Em conversas com esses profissionais, nota-se que essas atitudes partem de seus pontos de vista acerca do audiovisual. Entendido, em grande parte dos discursos adotados, como um mero produto a ser consumido, um meio de ilustração para os conteúdos das aulas ou ainda recursos tecnológicos para a reprodução de imagens e vídeos (projetores, slides, computadores, entre outros).

Com o intuito de fazer uma pesquisa mais específica e detalhada, ao invés de propor uma série de questionários com um número significativo de entrevistados, obtendo um resultado expressivo quantitativamente, foi dada preferência a construção de um diálogo mais pessoal e extenso com os profissionais selecionados. Alcançando dados com respostas expandidas, pautados no debate entre entrevistador e entrevistados, garantindo a eles maior centralidade e expressividade em seu discurso. O resultado foram conversas breves, mas que pontuam temas pertinentes acerca das concepções e utilizações do cinema e do audiovisual na educação.

3.1. Critérios adotados e apresentação dos professores selecionados

3.1.1. Seleção dos entrevistados

Ao longo do curso de Licenciatura em Cinema e Audiovisual, houve a oportunidade de conversar com diversos profissionais da área da educação básica. Essas relações, porém, já vêm desde antes, em um contexto pessoal, no âmbito escolar, através de um vínculo próximo com os professores, e até mesmo familiar, onde muitos se dedicaram à docência. Surge daí boa parte do interesse pelo campo, o que também possibilitou guardar importantes contatos. Muitos eram os possíveis candidatos para participar dessa pesquisa. Contudo, buscando adequar-se à proposta de formato do Trabalho de Conclusão de Curso, foi prudente fazer um pequeno recorte, limitado a quatro indivíduos selecionados de acordo com alguns critérios pré-determinados.

O primeiro deles se refere a atuação no contexto educacional. A ideia foi escolher tanto docentes que ministrassem aulas em sala, quanto agentes relevantes fora desse ambiente, mas ainda ligados à escola. Por isso, foram selecionados três professores e um diretor pedagógico. Em relação aos professores, as disciplinas que tiveram preferência foram as compreendidas em três grupos especificados livremente para esse trabalho: o primeiro, referente a linguagens, podendo abranger Língua Portuguesa, Redação, Literatura ou semelhantes. O segundo, na área de humanidades e estudos sociais, isto é, História, Geografia, Filosofia ou Sociologia. E por fim, um professor específico da disciplina de Arte.

Todos esses grupos simbólicos foram pensados a partir de potencialidades do Cinema e suas linguagens. O primeiro consiste em seu caráter de comunicação, do seu entendimento como uma linguagem, com regras e recursos próprios, sendo um campo independente para a construção do discurso. O segundo, diz respeito ao filme como um produto que exerce influência sobre o espectador, isso é, que produz uma experiência sensorial e cria significados. Portanto, o cinema enquanto um formador de opinião e os espectadores como sujeitos sociais que são persuadidos, mas ao mesmo tempo, que exercem influência sobre a significação das obras audiovisuais e midiáticas. Por fim, trata-se do cinema como uma expressão artística, caráter esse amplamente defendido pelas legislações de Arte na educação básica e a visão do professor e cineasta francês, Alain Bergala, por exemplo. Compreende tanto a apreciação do filme enquanto uma obra, como experiência estética, quanto a produção cinematográfica e as relações de coletividade e criatividade desse processo.

Outro critério importante foi contemplar a atuação dos professores tanto em escolas da rede pública quanto privada. A maioria dos entrevistados tem experiência em ambas. Um preceito que não foi considerado é a relação próxima, ou não, dos professores com projetos e experiências audiovisuais. Em nenhum momento anterior às entrevistas buscou-se saber da existência desses possíveis vínculos, para que não influenciasse nas constatações da pesquisa. Por fim, salvo tais princípios, a opção pelos participantes foi feita mediante a disponibilidade e interesse dos convidados em conceder a entrevista, com base em suas respostas aos convites remetidos.

3.1.2. Elaboração das perguntas

A finalidade principal das perguntas era possibilitar um efetivo esclarecimento do entendimento e das relações dos entrevistados com o Cinema e o Audiovisual, conforme já mencionado. As questões desenvolvidas e selecionadas para pautarem a conversação foram cinco. O objetivo não era limitar, tampouco induzir a fala dos professores, mas permitir que pudessem se expressar livremente, tendo a temática dos questionamentos apenas como um norteador. Os tópicos interrogados podem ser resumidos da seguinte forma:

- a) O que é “Cinema”, em seu entendimento?
- b) Qual a principal forma, ou de maior preferência, para seu consumo de filmes, novelas, séries, vídeos ou outros formatos que você considere relativos?
- c) Você já ouviu falar no termo audiovisual? Em que contexto?
- d) Você, ou algum colega de trabalho de seu conhecimento, utiliza algum recurso audiovisual em suas aulas?
- e) Como você acredita que o Cinema e o audiovisual possam vir a ser utilizados na escola? Que potencialidades podem ser exploradas?

Vale destacar que as perguntas não seguiram essa configuração específica no momento das entrevistas. Adaptações foram feitas e novos questionamentos surgiram, na medida em que o desenvolvimento da conversação permitiu. Os diálogos deram-se de forma livre e descontraída, mas mantendo sempre o foco da pesquisa. Previamente houve um momento para os professores se apresentarem e falarem brevemente sobre sua formação e trabalhos desenvolvidos. Antes da conclusão das entrevistas, os colaboradores tiveram a oportunidade de retomar ideias e fazer sugestões caso achassem necessário. O objetivo era que o debate fosse satisfatório para ambos.

As entrevistas podem ser consultadas, através de suas transcrições, disponíveis nos apêndices desse trabalho.

3.1.3. Apresentação dos professores selecionados

Mediante os critérios já apresentados e o formato de pesquisa adotado, apresentam-se agora os professores selecionados para a entrevista:

a) Professora Monique Souza Santos.

Monique é professora de Língua Portuguesa, Literatura e Produção Textual há vinte e três anos, logo que ingressou na faculdade começou a trabalhar em sala de aula. Atuou por vinte e dois anos na rede privada, no Colégio Santa Mônica, unidade São Gonçalo. Já a vida na escola pública é menor, iniciada há dez anos: começou no Colégio Estadual Ismael Branco, no Mutuá (São Gonçalo), onde se mantém. Na prefeitura do Rio atua há cinco anos, sendo os três primeiros na Escola Municipal Victor Hugo, na estrada de Jacarepaguá e agora, em seu segundo ano letivo, na Escola Municipal Aleksander Henryk Laks, em uma comunidade carente, na Gardênia Azul, também em Jacarepaguá. Retomou os estudos e está cursando mestrado em linguagens, na UERJ, onde se formou.

b) Professor Luiz Coutinho Cardoso.

Luiz é formado em História na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Atualmente cursando mestrado na mesma instituição, com estudos voltados para a ética da alteridade como proposta metodológica para a prática de ensino, especialmente em relação a atividades voltadas para a história do Brasil. É professor há dez anos, hoje ministrando aulas de História e Filosofia na rede pública municipal (Escola Municipal Uruguai – Rio de Janeiro) e estadual (CIEP 246 – São Gonçalo), e em um curso de pré-vestibular, no bairro de Nova Cidade, também em São Gonçalo. Busca desenvolver seus trabalhos para populações de baixa renda.

c) Professor José Robson de Almeida.

O professor Robson é formado em Biologia. Trabalhou na Fundação Osvaldo Cruz (Fiocruz) de 1986 até 1995. Nesse período desenvolveu uma preocupação maior pela formação humana, ao perceber a vaidade presente na profissão docente. A partir daí, resolveu empenhar-se junto ao público infanto-juvenil. Por conseguinte, atuou no Colégio Santa Mônica, na rede privada, por três anos, até ser promovido ao cargo de diretor pedagógico, onde está há vinte e sete anos, entre unidades de São Gonçalo e do município do Rio. Além disso, tem mestrado na área de educação e atualmente é doutorando, ambos em Lisboa –

Portugal, sendo o título de Mestre já revalidado pela UFRJ. Estuda a formação docente, principalmente acerca dos valores e princípios da profissão.

d) Professor Daniel Cavalcante da Silva.

Daniel estudou na Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), formando-se em educação artística com habilitação para Artes Plásticas. Fez também pós-graduação em Artes Visuais. Atualmente trabalha nas redes estadual, no CIEP 439, municipal, na Escola Almirante e particular de ensino, no Centro Educacional Monteiro Lobato. Todas na cidade de São Gonçalo. É docente de Arte há dez anos.

3.2. Análise das entrevistas

Para explorar a fala dos professores em suas entrevistas a respeito dos questionamentos propostos e apresentados anteriormente, adotaram-se três eixos a partir dos quais as conversas foram analisadas. São eles: o entendimento pessoal e as relações de consumo do cinema e do audiovisual; o uso em sala de aula e as atividades que são ou não desenvolvidas em relação a esses meios atualmente e, por fim, as potencialidades que poderiam ser mais bem aproveitadas.

3.2.1. “Quando eu falo ‘Cinema’, o que vem na cabeça?”

Na primeira parte desse estudo, investigaram-se as relações de consumo, não só em relação ao cinema, mas também à familiaridade dos profissionais participantes da pesquisa com o termo “audiovisual”. Os objetivos principais foram, portanto, definir de que maneira assistem a esses produtos, que experiências tiram dessa relação e em que contexto entendem o significado e as potencialidades audiovisuais. É a seção de aspecto mais particular desse processo investigativo.

Tanto para o diretor Robson, quanto a professora Monique, o cinema remete a um momento pessoal e de relação com a família. Enquanto o primeiro costuma assistir filmes à noite com seu filho mais novo, o Enzo, a segunda, que tem a vida profissional e pessoal “dividida” entre São Gonçalo e Jacarepaguá, encara o cinema como um momento de encontro com as filhas. Ambos gostam e valorizam o “ir ao cinema”, mas o consumo de filmes em casa é bastante, se não majoritariamente, presente.

Então, nos momentos em que a gente fica junto, é certo: “vamos ao cinema?” ou “vamos assistir Netflix?” O cinema está assim na nossa vida, é aquele momento em que a gente se encontra pra poder ver uma história e aquela história vai refletir na nossa vida, e vice-versa. E é um momento que a gente vai confraternizar de todas as maneiras. (MONIQUE, apêndice A, p.64).

Monique destaca ainda o papel de entretenimento e estímulo à criatividade do cinema: “É um local onde eu entro e eu me sinto muito à vontade para poder aprender. É um local, pra mim, que é de muita criação. Os momentos em que eu pensei em criar coisas legais para aula, foram dentro do cinema” (MONIQUE, apêndice A, p.63).

Além disso, fica marcado na fala do professor Robson, como ele valoriza a conversa após o filme, buscando entender as relações que são estabelecidas a partir das impressões sobre o que foi assistido.

Hoje, todos os dias ao chegar em casa, eu faço o jantar do meu filho mais novo, o Enzo, e assisto a um filme com ele. Escolho um filme pra gente assistir juntos. E a gente vai discutindo tudo aquilo sobre o que foi escolhido. O que ele consegue entender, interpretar, com aquelas informações. (ROBSON, apêndice C, p.76).

Sendo assim, é possível apontar que o entendimento de ambos em relação ao cinema é o de um momento de encontro, de vivência coletiva, de aproximação entre os sujeitos.

Já o professor Luiz busca filmes de conteúdo informativo, como documentários, em seu consumo pessoal. Para ele, o cinema não pode ser “só entretenimento”, deve ser um “veículo de visibilidade e comunicação”. Em diálogo com seus estudos no campo da História, acredita que o papel do Cinema deva ser o de dar “visibilidade a pessoas engajadas em um processo político-pedagógico, onde elas possam fazer que a sociedade reflita sobre alguma questão de interesse coletivo”. O discurso cinematográfico deve ser empregado, em um contexto nacional, para ilustrar as relações históricas e sociais do povo brasileiro.

Um cinema que tenha uma proposta diferenciada no sentido daquela do cinema norte-americano, um cinema com a cara do Brasil, que traça as nossas questões do cotidiano, que faça uma opção pelos excluídos de uma sociedade advinda de um passado no qual grande parte de pessoas não tiveram a mesma oportunidade. (LUIZ, apêndice B, p.70).

Por conta disso, também em relação ao entretenimento, dá preferência a narrativas com temáticas da realidade brasileira, de produção nacional. Para seu consumo, utiliza principalmente plataformas online.

Na Internet, o YouTube. Ela dá possibilidades muito maiores, tem também a Netflix, mas o YouTube tem documentários, que é o que eu mais gosto, alguns filmes brasileiros, que eu me interesse muito. (LUIZ, apêndice B, p.71).

Valoriza produções que instiguem a reflexão, mostrando que somos sujeitos históricos cujo passado influencia nossas relações atuais. “Tento me orientar no cinema a partir de propostas que envolvam a questão política e social”. (LUIZ, apêndice B, p.72). Segundo ele, os filmes que assiste influenciam diretamente em seu cotidiano e até mesmo na produção de suas aulas. Esse entendimento dialoga diretamente com a relação entre cinema e socialização, de Rosália Duarte.

Longe de ser apenas uma escolha de caráter exclusivamente pessoal, constitui uma prática social importante que atua na formação geral dessas pessoas e contribui para distingui-las socialmente. Em sociedades audiovisuais como a nossa, o domínio dessa linguagem é requisito fundamental para se transitar bem pelos mais diferentes campos sociais. (DUARTE, 2002, p.14).

O professor Daniel afirma que cinema é uma relação de gosto, de entretenimento, de aprendizagem e apreciação estética. A relação do espectador com os filmes varia amplamente.

Eu vou ao cinema por vários motivos. Eu vou ao cinema pra ver diretores e atores que eu gosto, mas vou também com a intenção de me divertir, passar o tempo e misturado com essa coisa de aprender, estar apreciando Arte. (DANIEL, apêndice D, p.79).

Prefere dedicar um tempo exclusivo para assistir filmes, indo até uma sala de cinema. No entanto, destaca também o consumo de vídeos na internet.

Quando o tema é “audiovisual”, as respostas não são muito extensas. A maioria se restringe à associação entre áudio e imagem, sem maiores discussões em relação à formatos, linguagens ou possibilidades existentes. Trata-se de um termo que, segundo os entrevistados, vem se tornando cada vez mais recorrente, porém, sem maiores esclarecimentos em relação a suas potencialidades. “Geralmente na escola, na faculdade, falava-se muito em audiovisual. Mas não era muito claro também o que seria o audiovisual. [...] Pra mim se confunde com o próprio cinema [...]. Cada proposta que queira ser apresentada com imagem e som”, afirma o professor (LUIZ, apêndice B, p.72).

A professora Monique desenvolve um pouco mais essa ideia, apontando que a expressividade cada vez maior do audiovisual em nossa sociedade gera uma “cobrança” em relação a seu uso em sala de aula. Ela acredita que as novas tecnologias e recursos audiovisuais, além do próprio cinema, devem ser incorporados ao processo educativo escolar. Ainda de acordo com ela, o papel do audiovisual deve ser o de “alcançar” mais indivíduos para um aprendizado efetivo.

De uns anos pra cá, nós professores temos sido muito exigidos a trabalhar com o audiovisual. Porque algumas pessoas são mais tocadas pelo visual, outras são mais tocadas pelo áudio. Então o audiovisual ele trabalha com as duas vertentes, e assim, a gente consegue alcançar muito mais coisas. (MONIQUE, apêndice A, p.64).

Visão essa compartilhada pelo professor Robson, que apesar da forma discreta em que a temática do audiovisual foi abordada em sua formação, no início da década de 1980, acredita que hoje ele deve ter “um recorte de importância, de grande relevância”. Ele entende o audiovisual como uma série de recursos complementares.

De uma forma bem superficial, eu diria que é o conhecimento através não só do que está sendo lido, mas do que está sendo visto e escutado. [...] Então, é um ensinamento, eu acho, que complementa de uma forma mais abrangente a informação que vem através da escrita. (ROBSON, apêndice C, p.77).

Já o professor de Arte, Daniel, desenvolve uma leitura mais extensa em relação ao tema. Comenta que, em sua recente pós-graduação (2019) em Artes Visuais, o termo “audiovisual” teve bastante destaque, havendo debates em relação aos diversos meios que abrangem esses formatos. Esse discurso foi pautado em relações de cultura e consumo.

Porque a gente divide os conteúdos de Arte [*do curso*] entre História da Arte e Cultura Visual. Então, quando a gente fala de História da Arte, o Audiovisual fica muito “pequenininho”. E às vezes chega a nem aparecer. Mas quando a gente fala de Cultura Visual, é direto. Ele é o protagonista. Porque audiovisual está dentro das coisas que a gente consome, tanto TV, como cinema, internet... (DANIEL, apêndice D, p.80).

Segundo ele, o conceito de audiovisual vem se desenvolvendo. Antes, tratava-se de uma ideia básica, com uma visão técnica e objetiva. “É uma produção em que se tem imagem e som”, afirma. Pode-se observar que essa ideia, tida aqui como ultrapassada, ainda é a visão dos demais professores sobre o tema, revelando a necessidade da inclusão de estudos voltados

para os novos meios audiovisuais e midiáticos da contemporaneidade na formação docente. Para Daniel, a ideia de audiovisual misturava-se com a de videoperformance, isso é, uma experimentação artística visual e sonora.

Já hoje, ele considera que é impossível pensar no termo sem uma relação direta com nosso dia-a-dia, para além de valores estéticos, mas também, como já mencionado, questões culturais e de consumo. “Agora eu já tenho uma visão de audiovisual [*como algo*] que não dá pra separar da nossa vida, a gente tem audiovisual em tudo. Não só na parte artística” (DANIEL, apêndice D, p.81). Para ele, é uma característica tão intrínseca de nossa sociedade que é impossível percebê-lo como algo isolado. Nossas principais relações e comunicações são agora mediatizadas pelo audiovisual. Os grupos sociais se enxergam entre si muito mais pelas imagens, ele afirma através de uma metáfora que chamou de “espelho”. “Pensando nessa ideia de tentar definir o que é audiovisual hoje... Está correspondendo a um espelho. A gente tem registrado nossa vida toda em imagens, em vídeos, e guardado isso” (DANIEL, apêndice D, p.81).

Em relação à fala dos demais professores, no entanto, o que se percebe é que o cinema ainda é tido simplesmente como um espaço e/ou tempo destinado a assistir um filme, relação essa que se estende aos formatos de vídeo e outros conteúdos online. A prática cinematográfica é encarada de uma perspectiva passiva, no sentido em que prevalece o papel do espectador. Ainda que tenha sido dado destaque às experiências sensoriais e o estímulo à reflexão, à criatividade, a partir dos conteúdos assistidos, não há um imaginário em relação ao cinema enquanto prática artística ou de criação de discursos. Valoriza-se o produto e não o processo, a experiência. Por outro lado, supera-se o papel de puro entretenimento e a ideia de informação e aprendizado é associada ao Cinema. Com isso, ainda que predomine essa visão de espectador, trata-se de um sujeito ciente da influência do filme sobre suas relações pessoais e sociais. A consciência de que os conteúdos audiovisuais exercem relações com o público que o assiste, aparentemente, vem sendo exploradas significativamente, pelo menos no que diz respeito a sua incorporação em algumas práticas pedagógicas. Resta saber se essa apropriação vem sendo planejada, feita de forma coerente e positiva. Tema que foi investigado no segundo bloco de estudo dessa análise.

3.2.2. “Como você percebe a presença do audiovisual na escola?”

Uma vez entendida a relação de consumo audiovisual dos professores entrevistados, é agora necessário entender como eles utilizam ou não esses recursos. Para isso, foram

questionados a respeito do modo como percebem essa presença em suas aulas, de seus colegas de trabalho ou ainda no contexto escolar em que estão inseridos. Foram investigadas ainda, as problemáticas apontadas para que esse uso não seja mais amplo, isso é, quais deficiências existem, impedindo uma abordagem mais abrangente do audiovisual na educação.

O professor Luiz Coutinho afirma que em suas aulas é recorrente o uso do data show (o projetor) como dispositivo, no sentido material, e de filmes como um recurso de ilustração para os conteúdos apresentados. Através de sua fala, podem ser pontuados alguns aspectos importantes para entender a presença do audiovisual na escola. O primeiro refere-se à escolha dos formatos adotados. “Utilizam-se bastante filmes, mas que não sejam muito longos, utilizam-se geralmente recortes de filmes” (LUIZ, apêndice B, p.72). Com isso, nota-se a preferência do uso de curtas-metragens e trechos de filmes ao invés de longas para a abordagem em sala de aula. Em relação às temáticas, Luiz defende que o emprego dos filmes seja no sentido que possam “agregar princípios e valores educacionais”.

Vamos buscar filmes que estejam relacionados aos temas em sala de aula. Buscar, através do audiovisual, uma maneira de facilitar o conhecimento: o visual com a oralidade e as atividades “de quadro” [...]. Acaba sendo um reforço, das aulas ministradas pelo professor, o audiovisual e os filmes, como uma proposta pedagógica. (LUIZ, apêndice B, p.72).

Trata-se de uma visão pautada na já mencionada noção do Cinema como “pedagogia de transporte”. É fato que, em seu discurso, o professor demonstra que trabalha de forma para que o filme suscite debates importantes, principalmente a respeito de questões históricas e sociais brasileiras. Ainda assim, apesar de não configurar um uso incorreto, limita o cinema a um papel secundário. Seria necessário, ou pelo menos relevante, que houvesse também discussões acerca da própria obra fílmica, ou seja, em relação às técnicas e linguagens empregadas em sua criação.

Um método de análise de filmes que parte da própria obra, abordando-a como um objeto singular, cuja pedagogia, se ela existe, deve necessariamente encontrar-se no interior da obra e não no discurso externo ou na intenção pedagógica de quem ela se apropria. (LEANDRO, 2001, p.33).¹

¹ Proposta de Jacques Aumont abordada no artigo de Anita Leandro. LEANDRO, Anita. *Da imagem pedagógica à pedagogia da imagem*. Comunicação e Educação, v.21. São Paulo: ECA/USP, 2001.

Em relação a um panorama mais amplo, ele afirma que, com certeza, demais professores empregam o audiovisual em suas aulas. Acredita, porém, que é “pouca a utilização do material audiovisual”, principalmente em decorrência da precariedade de algumas escolas, ou seja, a falta de infraestrutura. Cenário esse que já fora apontado por demais autores em outras pesquisas acerca do uso do Cinema por professores da educação básica, como a realizada no artigo “Ruídos na tela... O cinema e a obrigatoriedade nas escolas”. “Ressaltamos que, nessa experiência, tomamos contato com as ausências: de infraestrutura das escolas, tanto na dificuldade com equipamentos, quanto de acesso à produção cinematográfica, da ausência de banda larga”.²

Esse problema da falta de estrutura não se encontra tanto em instituições de grande porte da rede privada, como por exemplo no colégio dirigido pelo professor Robson. “Aqui na escola, o audiovisual tem um recorte de importância [...]. Todas as salas têm a possibilidade de reproduzir filmes pros nossos alunos, com qualidade” (ROBSON, apêndice C, p.76-77). Essa fala revela também, um entendimento de audiovisual muito mais como uma infraestrutura técnica, de aparelhagem, do que uma prática artística.

Concorda em parte com o professor Luiz, ao afirmar que encara o audiovisual como um complemento da informação escrita, conforme já mencionado. Permanece a ideia de um recurso para a elaboração e disseminação de mensagens que servem como suporte pedagógico. No entanto, nesse caso, além da ilustração dos conteúdos didáticos, o professor Robson aponta ações como a comunicação dos professores e da instituição com os alunos e responsáveis, para a além do ambiente escolar.

Hoje, por exemplo, através de filmes, com não tanta produção, os professores mandam mensagens com o seu rosto, mensagens audiovisuais, [...] até mesmo filmam as suas aulas pra mandar para os seus alunos, ou pros seus colegas. Isso é uma realidade dentro da escola. (ROBSON, apêndice C, p.77).

Não detalha, porém, se há uma preocupação com os contextos de produção desses vídeos. Ainda assim, é um formato que insiste na noção de audiovisual como um recurso de suporte. Sempre destinado a atender uma demanda técnica ou informativa.

Já a professora Monique Santos faz parte de um projeto escolar que recorre frequentemente ao audiovisual. É o “Projeto de Vida”, no qual os professores convidados a

² CANTON, Fabiane et al. In: FRESQUET, Adriana (org.). *Cinema e educação: a Lei 13.006 – reflexões, perspectivas e propostas*. 1 ed. Belo Horizonte: Universo Produção, 2017.

integrar a proposta desempenham o papel de trabalhar questões de pertencimento nos alunos participantes, através de noções de contexto social e planejamentos para o futuro. O público alvo são estudantes de áreas carentes, que são ensinados a valorizar suas origens. Um dos recursos mais utilizados para a proposição dos debates no projeto é o cinema, de acordo com a fala da professora.

Eu consumo com eles, quase que semanalmente, curtas-metragens. Trabalho com curtas, exatamente pra poder finalizar, fechar semanalmente cada trabalho. E dali eu começo o trabalho de conversação com eles, de eles se auto valorizarem, se conhecerem, tentar encontrar naquilo ali alguma coisa que tem a ver com a realidade deles. (MONIQUE, apêndice A, p.64).

Estão em foco nessa colocação duas questões. A primeira, novamente, é a preferência pelo formato de curtas-metragens, mais uma vez pelo empecilho da falta de tempo para abordar produções mais extensas. Em off, porém, ela contou que não utiliza trechos de filmes, pois não considera válido, “quebrá-lo”. Em oposição, através da chamada “pedagogia do fragmento”, Bergala não só considera válido, como elogia essa prática.

O impacto do trecho (análise de uma cena ou plano) na abordagem de filmes no contexto escolar sempre me surpreendeu. A pedagogia do fragmento combina frequentemente os méritos da condensação, da renovação e de uma inscrição mais duradoura das imagens na memória. (BERGALA, 2008, p. 121).

Não se trata aqui de indicar um erro na exibição ou não de fragmentos. O importante é que o professor tenha consciência dessa escolha e faça a opção pelo que melhor adequar-se à proposta de abordagem em sala de aula. Trabalhar com trechos de filmes é uma boa decisão, da mesma forma que a escolha por curtas-metragens, em relação à questão do tempo reduzido de uma aula. Por outro lado, debater um fragmento específico pode comprometer a análise do filme como um todo, tendo em mente a linha narrativa da trama. No entanto, pode ser empregado de melhor modo para a análise de questões técnicas e de linguagem cinematográfica, como aspectos de enquadramento e outros elementos presentes nos planos, por exemplo.

Ainda sobre o processo de seleção dos filmes, ela comenta os critérios adotados pelo Projeto. A escolha é feita pelos próprios professores envolvidos na iniciativa que, ainda de acordo com Monique, acabam trabalhando o filme da sua maneira, de forma que dialogue com sua disciplina e o tema adotado nos encontros.

Essa parte de buscar os filmes é a parte mais difícil porque a gente não tem tempo. Então acabamos compartilhando um com o outro um filme que a gente assistiu, um filme que alguém falou. Aí a diretora trouxe pra nós um site que tem várias sugestões, feito por um grupo de professores que foi tirado de sala de aula. A estrutura da prefeitura é muito boa. (MONIQUE, apêndice A, p.66).

Assim como no caso do professor Coutinho, a escolha é aqui também, temática. O primeiro critério de seleção é sempre o diálogo do filme com um tema específico proposto. Nesse método, o audiovisual permanece como um “pano de fundo”. Quantas possibilidades não haveria se a seleção de uma determinada obra cinematográfica suscitasse o debate sobre diversos temas, e não, um único tema, ainda que amplo, fosse o motivo de se elegê-la? De certa forma, a opção por um filme de acordo com um assunto estipulado acaba limitando sua análise, através de um recorte, um jeito pré-definido de se explorá-lo. Por outro lado, nesse caso, o audiovisual não é empregado diretamente para ilustrar um conteúdo didático, mas está associado a questões extraescolares, por ser abordado, não no contexto de uma disciplina específica, mas em um projeto de cunho social da escola. Portanto, nesse caso, expande-se um pouco mais a ideia de reinterpretação da realidade através das discussões sobre o filme.

Há, contudo, na fala de Monique, um apontamento inédito. Trata-se do fato de haver um suporte da prefeitura para a criação de um “acervo” de filmes. De acordo com ela, um grupo de profissionais foi mobilizado exclusivamente para desempenharem essa função de pré-selecionar e montar uma coleção de títulos a serem utilizados pelos professores. “E esse grupo de professores que foi tirado de sala de aula, eles ficam só para pensar. Nem sempre o que eles pensam é legal não, mas a equipe de Projeto de Vida é legal, então a gente vai lá, acessa aquele banco e pega os filmes” (MONIQUE, Apêndice A, p.67). Não fica claro, porém, quais são efetivamente os critérios de inclusão ou exclusão das obras cinematográficas nesse acervo. Revela-se nesse caso, mais uma vez, a necessidade de uma formação específica dos profissionais da educação na área do Audiovisual. Seja para uma seleção mais efetiva dos filmes a serem abordados em sala de aula, seja para uma discussão mais enriquecida a seu respeito, que permaneça com essa expectativa de propor novos olhares, mais críticos e reflexivos em relação à realidade, mas superando a mera abordagem temática em sua análise.

Outro ponto importante de sua fala refere-se a já mencionada “exigência” que ela acredita haver do uso do audiovisual no contexto escolar, uma vez que esses meios se encontram disseminados em diversos campos da atual sociedade. Além disso, complementa, “a educação no Brasil está defasada, está ultrapassada”, por isso, “é uma exigência que vem

por causa do momento, a evasão escolar é muito grande”. Considera que a profissão docente deve ter “o seu fazer modificado a todo momento”. Nesse sentido, defende que o audiovisual é, atualmente, a “ferramenta” ideal para atrair os alunos para os debates em sala de aula. “O Cinema é uma arma que a gente tem, muito forte, para poder alcançar” (MONIQUE, apêndice A, p.65). Como exemplo, ela diz que até em relação aos passeios escolares, há uma grande demanda dos alunos para que o cinema seja a atração escolhida.

Para concluir essas exposições, o professor Daniel apresenta sua concepção a respeito da atual presença do audiovisual na escola. Ele inicia sublinhando um assunto que foi discutido ao longo dessa análise, o fato de os docentes o usarem frequentemente como ferramenta de ilustração. “Todo professor, independente da matéria que seja, ele vai pegar um vídeo pra passar pros alunos, pra facilitar o discurso, a matéria que ele está querendo passar” (DANIEL, apêndice D, p.81). Ele associa esse fato à já mencionada facilidade de acesso aos meios de produção e reprodução audiovisuais, que vêm se tornando cada vez mais difundidos devido aos avanços tecnológicos. Todavia, critica a forma como esse uso se configura como uma apropriação pouco eficiente.

A gente está muito passivo ainda em relação ao audiovisual. Passamos muito conteúdo audiovisual pros alunos, que já estão saturados, por estarem vivendo nessa geração em que isso é muito comum. Então eu percebo, dentro da escola, no meu trabalho e dos meus colegas, que o audiovisual tem sido algo muito “pronto” [...]. Tem “essa temática”, a gente vai lá e passa. (DANIEL, apêndice D, p.82).

Ele considera que os motivos para essa passividade em relação ao emprego do audiovisual em sala de aula são principalmente a falta de tempo, de infraestrutura e de conhecimentos próprios pelos professores. Em relação ao tempo, a problemática surge devido a não inclusão do audiovisual no planejamento pedagógico da escola. “O audiovisual como ferramenta é um bônus que a gente dá para o aluno, como uma forma dele entender melhor ou tornar o assunto mais agradável. Então, dentro do nosso planejamento, o trabalho com audiovisual não está incluído”. (DANIEL, apêndice D, p.82).

Além disso, ele aponta que faltam saberes específicos aos docentes, em relação às técnicas e linguagens cinematográficas.

A minha fala foi no sentido de que os professores, e nisso me incluo também, não produzem audiovisual com os alunos por falta de conhecimento técnico. Seria pensar no professor ensinar o básico pra essa geração, que já sabe mais do que a gente, a produzir vídeos próprios. (DANIEL, apêndice D, p.82).

Com essa colocação, Daniel revela que ainda há uma série de questões a serem solucionadas para uma efetiva abordagem dos estudos de Cinema e Audiovisual na educação básica. É necessário, mais urgentemente, investir na formação de professores, como já foi sinalizado em momentos anteriores. Introduzir conteúdos relativos a esses campos nos cursos de licenciatura e de pós-graduações na área de Educação, a fim de garantir uma base coerente e em constante atualização, sobre os recursos cinematográficos e midiáticos aos docentes.

Feito isso, esses profissionais estarão aptos a pensar novas metodologias de ensino que englobem as práticas audiovisuais, estando agora inclusas no planejamento e nos projetos pedagógicos da escola. Não mais utilizando o cinema como um recurso “bônus”, apenas para facilitar a transmissão de conteúdos. A partir dessa análise, o professor Daniel parte para uma exposição do que ele consideraria válido nas relações entre Educação, Cinema e Audiovisual, assunto esse que foi discutido na terceira e última parte dessa análise das entrevistas.

3.2.3 “O que ainda poderia ser feito?”

Durante as entrevistas, os professores puderam revelar também suas opiniões acerca de como os recursos audiovisuais poderiam ser mais bem explorados em sala de aula, isso é, as práticas que poderiam ser desenvolvidas para um aproveitamento além do que já é feito.

No início da entrevista, o diretor Robson traz sua visão sobre o uso de filmes na escola, no entanto, essa abordagem foi deixada para essa parte final, pois além dos recursos que apontou anteriormente, defende que as diversas formas como o cinema e o audiovisual podem ser explorados em aula, dependem da criatividade de cada professor. Por isso, aponta que há necessidade de que os professores tenham em sua formação acadêmica conteúdos que dialoguem com a prática audiovisual, para que possam aprender a integrá-lo em suas futuras atuações como docentes.

Então, o professor precisa ser treinado nas universidades a “como usar o audiovisual?”. Não só ele ser a pessoa que vai filmar, mas, como ele vai utilizar essa ferramenta. Não como um “band-aid”, como falei anteriormente, não como um esparadrapo, um tapa-tempo, um cala a boca, ou então simplesmente um “ah, eu estou ocupado, então vou botar um filmezinho para os meus alunos assistirem.” Mas sim um instrumento de construção de conhecimento dentro do planejamento político-pedagógico. É como eu vejo essa linguagem dentro da escola. (ROBSON, apêndice C, p.78).

Nessa fala, há uma relação direta com a exposição anterior do professor Daniel que critica o fato do cinema e o audiovisual não serem incluídos no processo de planejamento

pedagógico das escolas, mas sim acrescentados posteriormente em momentos “necessários”, como uma bonificação. A insatisfação desses pensamentos é com o uso meramente recreativo dos filmes em aula, característica identificada e desaprovada anteriormente por outros autores.

Um das práticas que encontramos nas escolas envolvidas no projeto foi o cinema “coringa” e ainda “tapa-buraco”, como aponta Fantin (2014, p.49), dificultando, por exemplo, a construção de uma representação do cinema como uma aula por parte dos estudantes.³

De fato, sendo o professor a figura responsável pelas exposições teórico e práticas, e o desenvolvimento escolar dos indivíduos, sua formação deve ser um dos primeiros aspectos a ser repensado na busca do Cinema enquanto componente da educação básica. Como esperar que o campo tenha a devida aplicação em sala de aula se os docentes não tiverem uma base acerca de questões cinematográficas pertinentes? Reflexo desse “despreparo” dos profissionais na área é visto no emprego superficial dos filmes, contribuindo para uma visão do cinema como um simples passatempo e seu uso nas escolas como uma “ausência de aula” ou ainda atividade recreativa. Práticas que impidem a exploração dos seus verdadeiros potenciais como área artística, de criação e reflexão.

Retomando a fala do diretor, ele reitera a importância da continuidade do uso do audiovisual para a elaboração de videoaulas como um recurso pedagógico que supere os limites da aula em sala. Um formato, segundo ele, pelo qual “os professores podem fazer a utilização da sua própria imagem, exatamente a aula reproduzida naquele momento, pra auxiliar, não somente como um tira-dúvidas, mas como um enriquecimento, um embasamento teórico, falado e prático, para os seus alunos” (ROBSON, apêndice C, p.78). Mais uma vez, atribuindo o caráter de suporte, “do transporte”, aos vídeos.

Por fim, defende que o audiovisual tenha um papel mais central na sociedade, equivalente ao conteúdo literário, textual, como um recurso de amplo e fácil acesso ao público em geral.

A grande parte das universidades, elas não reproduzem seus textos de forma audiovisual, ou seja, só uma parte da sociedade tem acesso, porque tem “olhos” pra ler aquele texto. Mas aquele texto poderia vir através do som, do áudio, através de uma filmagem. Hoje isso não é complicado de ser feito. As bibliotecas ainda mantêm os textos das formas tradicionais, que é através somente do papel. Imagina

³ CANTON, Fabiane et al. In: FRESQUET, Adriana (org.). *Cinema e educação: a Lei 13.006 – reflexões, perspectivas e propostas*. 1 ed. Belo Horizonte: Universo Produção, 2017.

quanto tempo e quanta qualidade de informação você poderia reproduzir pra uma série de outras pessoas que até hoje ficam restritas a alguém ler aqueles textos pra elas. (ROBSON, apêndice C, p.78).

Para que todas essas possibilidades possam vir a ser adotadas, faz-se necessário uma maior aproximação entre os estudos acadêmicos na área da Educação e o cotidiano das escolas. “Trazer os jovens alunos, em formação na graduação, ou no mestrado ou no doutorado, para aproveitarem esse espaço que é a escola” (ROBSON, apêndice C, p.78), como uma medida a fim de evitar o excessivo embasamento teórico feito pelas universidades, em detrimento das questões práticas da educação básica. Há nos cursos de licenciatura os estágios que preveem a atuação nas escolas, porém, o diálogo entre as instituições superiores e básicas de ensino pode, e deve, ser mais amplo. Resta saber as medidas a serem estudadas e aplicadas para a efetiva expansão dessa relação, assunto esse que pela sua dimensão, infelizmente não cabe ser abordado nesse trabalho.

O professor e historiador Luiz Coutinho insiste nas possibilidades de integração entre Cinema e Educação através do uso de filmes como “instrumento pedagógico de transformação social”. Reitera a visibilidade que o cinema tem na formação da opinião pública através de um “apelo ao sentimento” que extrapola os limites da razão. “O cinema tem um poder muito maior no apelo ao sentimento e à informação ao mesmo tempo. Associado ao trabalho pedagógico do professor seria fundamental para o esclarecimento, informação e estímulo ao senso crítico” (LUIZ, apêndice B, p.73).

Em sua exposição, Luiz revela o incentivo a uma prática que mantém o cinema associado a um caráter ilustrativo. Sem dúvidas a capacidade de criar significados que ultrapassem a linguagem escrita é uma das potências do audiovisual, mas esse uso pode ser mais bem aproveitado na construção de um discurso próprio e não apenas servindo como um “suporte” pedagógico. A visão do cinema como um instrumento de transmissão de informações é limitada. Para a transformação social desejada pelo professor, faz-se necessário o seu emprego como uma linguagem própria, um dispositivo que rompa o conteudismo pedagógico das escolas e sirva como um espaço de criação, de experimentação e de reflexão acerca dos contextos socioculturais extraescolares.

Essa é sem dúvida também a intenção do professor. Falta, no entanto, um conhecimento específico acerca de como empregar o audiovisual para essa finalidade, não limitando-se apenas à exibição dos filmes. Contudo, questionado sobre como as comunidades excluídas podem ter mais voz através do cinema, recorre brevemente, ao fim da entrevista, a uma proposta mais prática.

Mostrar as possibilidades do Cinema, e eles serem protagonistas do próprio trabalho cinematográfico seria de suma importância. Porque dali poderiam surgir atores, surgir cameramen, pode sair uma série de profissionais ligados ao cinema ou cineastas também, engajados com propostas pedagógicas de transformação social por meio do próprio cinema. (LUIZ, apêndice B, p.74).

Certamente o protagonismo dos estudantes em relação às práticas cinematográficas na escola é importante. O objetivo, porém, não é necessariamente a formação de profissionais ligados à técnica cinematográfica, muito menos às Artes Cênicas. Na verdade, trata-se justamente de tornar o cinema e o audiovisual recursos acessíveis aos indivíduos em geral, desde que haja paralelamente uma educação crítica e humanizada a seu respeito. Os recursos visuais e midiáticos já estão difundidos pela sociedade, cabe agora aos docentes incentivar e demonstrar aos alunos que podem ser apropriados para experiências criativas, de expressão e comunicação, como as demais práticas artísticas. Permitir que os alunos se enxerguem como produtores audiovisuais e, para além disso, que consigam construir e identificar os significados de suas produções.

A professora Monique, participante do Projeto de Vida, que propõe a exibição fílmica como um recurso para a reflexão dos alunos sobre sua realidade social, acredita no audiovisual como um instrumento de acesso mais fácil às informações e conhecimento pelos estudantes, conforme já exposto. Para algumas crianças, de comunidades carentes, a escola foi o primeiro contato com o cinema.

Eu dava aula na favela baixa de Magé e num dado momento eu descobri que aqueles alunos nunca tinham ido ao cinema [...]. Para eles, sair da escola, sair daquela favela, era uma novidade muito grande [...]. E depois daquilo ali eu vi o quanto eles começaram a se sentir importantes. Volta e meia eles falavam do cinema, eles nem ligaram para o filme, eles ligaram mais para o fato de ter ido aquele local. (MONIQUE, apêndice A, p.67).

Um dos mais importantes papéis na relação entre Cinema e Educação em sua opinião é o caráter igualitário das experiências fílmicas dos sujeitos enquanto espectadores. No cinema, assistindo um filme, “todo mundo fica igual”. “Eu acho que é o momento em que eles percebem ‘é só sentar e assistir’. E todo mundo vai falar sobre a mesma coisa. Então, eu acho que o cinema é um espaço de muita humanização” (MONIQUE, apêndice A, p.68). Todos os espectadores são igualmente sujeitos afetados sensorialmente pelos filmes, o que varia é a forma como eles são atingidos. Nesse caso, há de fato uma relação de igualdade não só entre os alunos, mas também com os professores e quaisquer outros indivíduos que estejam

assistindo ao filme. A partir daí, cabe ao professor mediar a reflexão sobre essas experiências por meio do diálogo. Sem a imposição de impressões específicas, mas buscando um debate saudável que objetive desenvolver em conjunto, novos olhares sobre o que foi visto. Pensamento esse que se relaciona diretamente com a articulação feita anteriormente com a dialogicidade proposta por Paulo Freire.

Vale ressaltar que a professora também critica a falta de infraestrutura para a exibição de filmes, principalmente nas escolas da rede pública.

Transportar a televisão pra sala de aula não é fácil. E eu tenho que correr, eu chego cedo pra poder pegar o data show. Não tem o suficiente pra todo mundo [...]. Tem dia que o professor chega lá e não tem mais data show nenhum. Aí a gente reveza o material [...]. Na [escola] pública é tudo mais difícil [...]. Essas dificuldades atrapalham muito [...]. (MONIQUE, apêndice A, p.69).

Um dos fatores necessários para uma maior inclusão do cinema e o audiovisual no planejamento pedagógico, no seu entendimento, é justamente a necessidade de investimento para que haja uma estrutura eficiente nesse sentido. Entendida aqui como a disponibilidade de aparelhos e recursos necessários à exibição.

Já o professor Daniel reitera o caráter de aprendizado sempre presente no ato de assistir aos filmes.

Pensar no Cinema com essa função, de sempre ensinar alguma coisa, por mais que não seja o objetivo de quem criou, dependendo da peça que estamos assistindo, acaba trazendo uma carga de conhecimento muito grande. E isso tem muito a ver com o nosso trabalho de transmitir informação. A gente que trabalha com educação não tem só esse objetivo de transmitir informações, mas é um deles, então o cinema vira uma ferramenta em potencial para nós. (DANIEL, apêndice D, p.83).

É importante destacar como ele entende que a transmissão de informações é uma das possibilidades do uso do audiovisual, bem como destacaram os demais professores, porém, ele não se restringe a essa alternativa ao afirmar que “esse não é o único objetivo da educação”. Acredita que o cinema é sim uma ferramenta para a melhor ilustração dos conteúdos, por ser “a linguagem que essa geração tem entendido”, ou seja, mais acessível aos jovens atualmente mediante a difusão dos meios audiovisuais na sociedade contemporânea. Por outro lado, não se reduz a esse caráter, mas defende que a escola deve superar esse posicionamento passivo diante dos filmes.

A questão de assistir, o próprio ato de assistir, mesmo eles não tendo assistido aquele conteúdo, mas o ato de assistir já é algo muito comum pra eles, não é uma novidade. Agora, o fazer, seus próprios vídeos, sua própria produção, seria algo mais interessante, uma novidade. Eu penso que é um dos motivos porque isso deveria ser mais comum. Eles assistem, eles se inspiram em pessoas que fazem vídeos, que colocam na internet e ensinam coisas pra eles. E pensar que eles, dentro da escola, podem aprender a fazer isso também, é muito legal. (DANIEL, apêndice D, p.82-83).

Trata-se de um pensamento que dialoga diretamente com a última proposta feita no capítulo anterior em relação a apropriação do cinema pela escola. É permitir que os filmes sejam assistidos como forma de promover posteriormente um protagonismo dos discentes, através de exercícios práticos. É a exibição e a produção dialogando como um conjunto que promove a criatividade. Vale relembrar que essas possibilidades de “apreciação” e prática são defendidas pelo professor francês, Alain Bergala. Ele entende que o cinema em sala de aula, enquanto arte, é indissociável do contato com os artistas e da experiência do fazer, ou seja, propõe que a exibição e análise dos filmes fosse sucedida pela realização prática, por parte dos discentes. O que ele chama de “pedagogia da passagem ao ato” (BERGALA, 2008, p.34). A marca criativa, contudo, para Bergala, está presente em ambas as situações, conforme já exposto.

Daniel reforça que a introdução cada vez mais abrangente do Cinema dentro do currículo de Arte na educação básica é animadora, uma vez que “vem sendo utilizado na educação há muito tempo”, mesmo que como uma ferramenta ilustrativa. Por isso, afirma que seria de suma importância a presença de profissionais habilitados nessa formação (Licenciatura em Cinema e Audiovisual), para uma melhor abordagem e utilização do campo e seus recursos em sala de aula. São esses profissionais, de acordo com o professor, os responsáveis por propor uma nova abordagem do Audiovisual na Educação. Função indispensável diante dos novos contextos socioculturais.

A gente está vivendo cada vez mais uma busca pela imagem. Não é uma coisa de agora, a gente já tá caminhando há um certo tempo pra isso. E não tem uma forma de se comunicar com a juventude a não ser pelo visual. Então eu acho que essa área é importantíssima pra entendermos a nossa geração. (DANIEL, apêndice D, p.84).

Por fim, em relação às legislações anteriormente apresentadas, os professores revelam atender aos PCNs e DCNs, no sentido em que mostram-se dedicados à formação social dos estudantes. A preocupação em articular os contextos históricos e culturais extraescolares ao aprendizado em sala de aula está contemplada em suas falas. Ainda é

preciso, contudo, que as práticas audiovisuais em seu sentido criativo também estejam presentes nesses processos de ensino. Já a lei 13.006/2014, que prevê a exibição de filmes nacionais por, pelo menos, duas horas mensais em sala de aula, não foi mencionada pelos profissionais entrevistados em nenhum momento. Não houve alusão à exibição de filmes diante da obrigatoriedade desse texto, revelando um provável desconhecimento a seu respeito e, conseqüentemente, a necessidade de se reafirmar a importância dessa prática, prevista por lei, em meio ao exercício docente.

A análise dessas entrevistas não se limita ao que foi aqui exposto. Sem dúvida cabem diversos outros apontamentos e interpretações. Da mesma forma, a fala dos entrevistados foi limitada pelas perguntas e o tempo da entrevista. É um trabalho que pode ser bem mais desenvolvido, no sentido de haver uma série de questões pertinentes a serem exploradas. As opiniões e colocações aqui expressas, naturalmente se confundem entre as três seções propostas para sua análise, o entendimento, o uso e as possibilidades acerca do cinema e o audiovisual. Essa repetição de conceitos, no entanto, não prejudica, pelo contrário, favorece o estudo proposto nesse trabalho, uma vez que permite chegar a conclusões mais concretas, mediante a reiteração de ideias feita pelos professores. As exposições e reflexões feitas são riquíssimas para o estudo acerca da visão dos profissionais da educação sobre o cinema e o audiovisual, além de terem apresentado questões relevantes para a confirmação, ou não, das hipóteses levantadas anteriormente.

4. CONCLUSÃO

Ao propor um estudo sobre as relações entre a educação básica, o Cinema e o Audiovisual, parti de uma impressão formada pela diversidade de experiências pessoais enquanto espectador e ao longo da vida escolar, que se somou aos estudos desenvolvidos no curso de Licenciatura em Cinema e Audiovisual. Uma noção de que os meios audiovisuais, apesar de muito potentes, eram pouco explorados nos processos de aprendizagem, no sentido de que se limitavam a uma esporádica exibição de filmes e vídeos pelos professores, como complemento aos conteúdos da aula, ou ainda uma prática recreativa.

As instituições escolares com que tive contato, não se preocupavam em estender o papel do audiovisual além de um suporte técnico, buscando inserir em suas práticas pedagógicas atividades criativas para os discentes. Quando algum trabalho era solicitado em formato de vídeo, este era feito de forma mecânica, a fim de reproduzir estilos vistos em outras plataformas, sem muita reflexão sobre aquele processo. Nesse caso, interessava apenas o “produto final”, do qual o audiovisual era apenas o formato ilustrativo.

Fosse por um sistema de ensino que pouco valoriza a experiência, mas prioriza um conteudismo expositivo, ou ainda pelo seu entendimento como um simples elemento de lazer, o cinema e o audiovisual não estavam presentes de forma ampla em seu sentido artístico. É fato que, assim como eu, grande parcela da população tem nos filmes um momento de descontração, buscando uma forma de diversão simples e atrativa. Afinal, o entretenimento é um dos importantes vieses cinematográficos. Ainda assim, a possibilidade de imaginar, narrar, ou apenas expressar-se livremente através dos recursos audiovisuais, sempre despertou-me a atenção, pela sua potência criativa.

Essas capacidades, por sua vez, podem, e devem, ser exploradas para a formação humana, em seu sentido estético, sensível. O que infelizmente não é a realidade concreta da maioria das escolas visitadas ao longo de meu período na universidade. Defendendo e acreditando que essa possa ser uma possibilidade futura, no entanto, pretendi fazer uma entrevista com alguns professores, baseada em questões elaboradas, pertinentes ao tema, a fim de realizar uma posterior reflexão sobre esses debates. Entendendo que, em um momento posterior, esses sujeitos serão os responsáveis por essa formação estética audiovisual. Diante das entrevistas com os profissionais convidados e o estudo bibliográfico sobre o assunto, esses entendimentos puderam ser retomados e, agora, reavaliados.

Uma de minhas concepções iniciais em relação ao sistema escolar, de maneira geral, era de que sua estrutura prejudicava uma efetiva exploração das potencialidades do

audiovisual na sala de aula, através de experiências estéticas e criativas. Isso porque segue um modelo conteudista que pouco valoriza tais práticas, conforme já exposto. De fato, pôde-se constatar na fala dos entrevistados que o cinema e o audiovisual não estão inclusos no planejamento pedagógico. Sua função acaba sendo aproveitada no decorrer do ano letivo, o que gera um novo problema, a falta de tempo para a elaboração de propostas relevantes.

Todavia, a ideia de que os professores não usam tanto o audiovisual é, em parte, equivocada. Ocorre que, o cenário supracitado favorece a manutenção do cinema como um suporte, um facilitador para a exposição dos conteúdos didáticos e, dessa forma, esperando-se que haja, através do filme ou do vídeo, uma ilustração da matéria, que melhor atinja os alunos e possibilite seu entendimento. Isso faz com que a exploração de recursos e conteúdos audiovisuais venha crescendo significativamente nas escolas, contudo, não através de uma expressão audiovisual por parte dos discentes, e nem mesmo pelos professores, que aqui assumem um papel de “exibidores de filmes”, limitados a um posterior debate temático.

Esse pressuposto do pouco uso do cinema em sala de aula decorria de um pensamento em relação ao consumo pessoal de filmes pelos professores, acreditando haver uma associação direta de sua função ao entretenimento. Por isso o interesse em investigar essa questão nas entrevistas. Durante a pesquisa, no entanto, percebeu-se que a realidade concreta é mais complexa, o que tornou o estudo acerca do tema ainda mais instigante e desafiador. Constatou-se que o cinema e outras mídias audiovisuais vêm sendo exploradas sob outros pontos de vista, como o conhecimento pessoal e o auxílio no estudo dos conteúdos escolares. A princípio, essa ideia do filme como um recurso de entretenimento vem sendo superada e seu uso, cada vez mais defendido e apropriado nas escolas, ainda que majoritariamente como um recurso expositivo.

Por fim, uma das impressões que teve maior destaque nas conversas foi de que os professores não têm conhecimento específico sobre o tema, revelando a necessidade de conteúdos que discorram sobre as práticas audiovisuais nos cursos de formação para a educação básica. Demanda essa apontada pelos próprios entrevistados.

O que se pode concluir com a realização dessa breve pesquisa é a continuidade da expansão dos meios audiovisuais nos processos de ensino e aprendizagem. Ainda há muito a avançar no sentido de aprimorar essa relação, no entanto, trata-se de uma questão de tempo, uma vez que esse encontro da escola em direção ao Cinema e o Audiovisual será cada vez mais amplo. Justamente por isso, cabe aos docentes, atuais e futuros, intervir para que, através de seus trabalhos e reflexões, esse vínculo seja proveitoso. Para isso, é necessário investir nas

licenciaturas e na capacitação continuada dos docentes, no sentido de promover uma formação audiovisual.

Nesse sentido a criação do curso de Licenciatura em Cinema e Audiovisual da UFF foi de suma importância, ao passo que contribui com a formação de especialistas em educação audiovisual. É necessário, porém, que nas demais licenciaturas esses conhecimentos também estejam presentes, através de conteúdos teóricos e práticos. Novos projetos destinados a professores que já estão nas escolas, para a atuação nesse sentido, também são bem-vindos. A fim de que esses profissionais possam adquirir os conhecimentos necessários para a elaboração de exercícios que estimulem a reflexão e a expressão dos discentes através dos meios audiovisuais, pensados como práticas inclusas no projeto pedagógico das instituições de ensino.

Em suma, o cinema vem se consolidando como um instrumento pedagógico, que facilita a compreensão, elucida o discurso. Deve-se intervir para que ele não se torne, para a educação, um mero facilitador. Essa visão vai ao encontro daquele cinema tido como uma linguagem mais acessível para educar, predominante nos anos 1920 e 1930. É preciso superar essa perspectiva. Trata-se de buscar novas pedagogias do Cinema, e não unicamente a sua pedagogização. Ir além do modelo de filmes como um recurso pedagógico de ilustração e propor novas práticas a serem acrescentadas em sua abordagem. Com isso, quero dizer que é necessário inserir o Cinema e o Audiovisual nas escolas, entendendo-os como parte do currículo pedagógico, para que suas potencialidades possam ser exploradas através da expressividade e da criatividade, que incluem a apreciação e a produção audiovisual.

Existem projetos, tanto em escolas quanto em outras instituições que já articulam Cinema e Educação dessa forma, os quais tive a chance de conhecer melhor durante o curso. Nota-se, entretanto, que são iniciativas pontuais, que precisam ser expandidas.

Não critico aqui as práticas expostas pelos professores com quem tive o prazer de compartilhar ideias e pensamentos ao longo das entrevistas. Não é preciso abandonar completamente a exibição de filmes com questões pertinentes às demais disciplinas. Essa é uma atividade totalmente válida. É necessário, porém, que os futuros profissionais de licenciatura, com formação em Audiovisual, possam contribuir para voltar o olhar sobre esses costumes. Olhar esse que deve tornar-se mais crítico a respeito desse sistema educacional conteudista, a fim de garantir, não só para o Cinema, mas o campo de Arte em geral, um papel mais ativo, de percepção e experimentação. Conforme já propõem os PCNs e as DCNs, sendo agora necessário difundir tais práticas.

O lugar do Cinema e o Audiovisual na Educação deve ser o da experiência estética. Desconstruir o cinema que prioriza o produto e (re)construir um Cinema que valorize o processo, a experimentação, a criatividade e a construção coletiva. Por isso, reafirmo: a questão de maior pertinência, nesse momento, seria expandir a formação em Cinema e Audiovisual, para que o conhecimento sobre essas potencialidades seja incorporado pelos atuais e futuros docentes.

5. REFERÊNCIAS

5.1 Obras citadas

ALMEIDA, Rogério de. *Cinema e Educação: Fundamentos e Perspectivas*. Educação em Revista, Minas Gerais: UFMG - Faculdade de Educação, v.33, 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698153836>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

BERGALA, Alain. *A Hipótese-Cinema: pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola*. Rio de Janeiro: Booklink, CINEAD-LISE-FE/UFRJ, 2008. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0B5URubXCIYnTdndsQINnSjYtUzQ/view>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: MEC/SEB/CNE/CEB, 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

_____. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 17 nov. 2019.

_____. *Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica*. Brasília, DF: MEC/SEB/DICEI, 2013. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013-pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

_____. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, v. 134, n. 248, p. 27833-841, 23 dez. 1996. Seção 1. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em: 17 nov. 2019.

_____. Lei nº 13.006, de 26 de junho de 2014. Acrescenta § 8º ao art. 26 da Lei n.9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para obrigar a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, p. 1, 27 jun. 2014. Seção 1. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2014/lei-13006-26-junho-2014-778954-publicacaooriginal-144445-pl.html>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

_____. *Parâmetros curriculares nacionais: arte*. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/arte.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

_____. Resolução nº 4, de 13 de julho de 2010. Define Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, p. 824, 14 jul. 2010. Seção 1. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004_10.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2019.

DUARTE, Rosália. *Cinema e educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

DUARTE, Rosalia; ALEGRIA, João. *Formação Estética Audiovisual: um outro olhar para o cinema a partir da educação*. Revista Educação e Realidade, Rio Grande do Sul: UFRS - Faculdade de Educação, v. 33, n. 1, 2008. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/6687/4000>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

FRANCO, Marília. *Hipótese-Cinema: Múltiplos diálogos*. Revista Contemporânea de Educação, Rio de Janeiro: UFRJ - Faculdade de Educação, v. 5, n. 9, 2010. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/1597/1445>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

_____. *Carta de Paulo Freire aos professores*. Estudos Avançados, São Paulo: USP - Instituto de Estudos Avançados, v.15, n.42, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v15n42/v15n42a13.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

FRESQUET, Adriana (org.). *Cinema e educação: a Lei 13.006 – reflexões, perspectivas e propostas*. Belo Horizonte: Universo Produção, 2017. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0B5URubXCIYnTcEdQTXFibGVxN3c/view>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

INVENTAR COM A DIFERENÇA. *Inventar com a Diferença – cinema, educação e direitos humanos*. UFF, Departamento de Cinema e Vídeo, Kumã lab. Disponível em: <<http://www.inventarcomadiferenca.com.br/>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

LEANDRO, Anita. *Da imagem pedagógica à pedagogia da imagem*. Comunicação e Educação, São Paulo: ECA/USP, v.21, 2001. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36974>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

MORETTIN, Eduardo. *Cinema educativo: uma abordagem histórica*. Comunicação & Educação, São Paulo: ECA/USP, n.4, 1995. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v0i4p13-19>>. Acesso: 17 nov. 2019.

NAPOLITANO, Marcos. *Como usar o cinema na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2003.

NOVA, João Luiz Leocadio da. *A Licenciatura em Cinema na Universidade Federal Fluminense*. Entrevista concedida a Edith Frigotto e Ronaldo Rosas. Revista Movimento, Niterói: PPPGEUF, ano II, n.2, 2015. Disponível em: <<http://periodicos.uff.br/revistamovimento/article/view/32555>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

PIMENTEL, Lucilla da Silveira Leite. *Educação e cinema: dialogando para a formação de poetas*. São Paulo: Cortez, 2011.

ROSA, Cristina Souza da. *Cinema Educativo do Fascismo e do Estado Novo em Comparação*. In: Dossiê História e Cinema. Revista Esboços, São Carlos: UFSC, v.19, n.27, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/2175-7976.2012v19n27p55/23178>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

XAVIER, Ismail. *O discurso Cinematográfico: a opacidade e a transparência*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

5.2 Obras consultadas

ALMEIDA, Rogério de. *Cinema e Educação: Fundamentos e Perspectivas*. Educação em Revista, Minas Gerais: UFMG - Faculdade de Educação, v.33, 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698153836>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

BERGALA, Alain. *A Hipótese-Cinema: pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola*. Rio de Janeiro: Booklink, CINEAD-LISE-FE/UFRJ, 2008. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0B5URubXCIYnTdndsQINnSjYtUzQ/view>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: MEC/SEB/CNE/CEB, 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

_____. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 17 nov. 2019.

_____. *Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica*. Brasília, DF: MEC/SEB/DICEI, 2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013-pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file>. Acesso em: 17 nov. 2019.

_____. Lei nº 378, de 13 de janeiro de 1937. Dá nova organização ao Ministério da educação e Saúde Pública. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, [S.I.], p. 1210, 15 jan. 1937. Seção 1. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1930-1939/lei-378-13-janeiro-1937-398059-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

_____. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, v. 134, n. 248, p. 27833-841, 23 dez. 1996. Seção 1. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em: 17 nov. 2019.

_____. Lei nº 13.006, de 26 de junho de 2014. Acrescenta § 8º ao art. 26 da Lei n.9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para obrigar a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, p. 1, 27 jun. 2014. Seção 1. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2014/lei-13006-26-junho-2014-778954-publicacaooriginal-144445-pl.html>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

_____. *Parâmetros curriculares nacionais: arte*. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/arte.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

_____. Resolução nº 4, de 13 de julho de 2010. Define Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, p. 824, 14 jul. 2010. Seção 1. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004_10.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2019.

_____. Resolução nº 7, de 14 de dezembro de 2010. Fixa Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, p. 34, 15 dez. 2010. Seção 1. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb007_10.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2019.

DUARTE, Rosália. *Cinema e educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

DUARTE, Rosalia; ALEGRIA, João. *Formação Estética Audiovisual: um outro olhar para o cinema a partir da educação*. Revista Educação e Realidade, Rio Grande do Sul: UFRS - Faculdade de Educação, v. 33, n. 1, 2008. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/6687/4000>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

FRANCO, Marília. *Hipótese-Cinema: Múltiplos diálogos*. Revista Contemporânea de Educação, Rio de Janeiro: UFRJ - Faculdade de Educação, v. 5, n. 9, 2010. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/1597/1445>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

_____. *Carta de Paulo Freire aos professores*. Estudos Avançados, São Paulo: USP - Instituto de Estudos Avançados, v.15, n.42, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v15n42/v15n42a13.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

FRESQUET, Adriana (org.). *Cinema e educação: a Lei 13.006 – reflexões, perspectivas e propostas*. Belo Horizonte: Universo Produção, 2017. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0B5URubXCIYnTcEdQTXFIbGVxN3c/view>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

INVENTAR COM A DIFERENÇA. *Inventar com a Diferença – cinema, educação e direitos humanos*. UFF, Departamento de Cinema e Vídeo, Kumã lab. Disponível em: <<http://www.inventarcomadiferenca.com.br/>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

LEANDRO, Anita. *Da imagem pedagógica à pedagogia da imagem*. Comunicação e Educação, São Paulo: ECA/USP, v.21, 2001. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36974>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

MENEZES, Marília Gabriela de; SANTIAGO, Maria Eliete. *Contribuição do pensamento de Paulo Freire para o paradigma curricular crítico-emancipatório*. Pro-Posições, São Paulo: UNICAMP - Faculdade de Educação, v.25, n.3, 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/0103-7307201407503>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

MIGLIORIN, Cezar et al. *Cadernos do Inventar: cinema, educação e direitos humanos*. Niterói: EDG, 2016.

MIGLIORIN, Cezar; BARROSO, Elianne Ivo. *Pedagogias do Cinema: montagem*. In: MIGLIORIN, Cezar; PIPANO, Isaac. *Cinema de brincar*. Belo Horizonte: Relicário, 2019. pp. 91-105. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/191tfAK1Xv2ho5kQnNTYU8jfRDFwhXlki/view>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

MORETTIN, Eduardo. *Cinema educativo: uma abordagem histórica*. Comunicação & Educação, São Paulo: ECA/USP, n.4, 1995. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v0i4p13-19>>. Acesso: 17 nov. 2019.

NAPOLITANO, Marcos. *Como usar o cinema na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2003.

NOVA, João Luiz Leocadio da. *A Licenciatura em Cinema na Universidade Federal Fluminense*. Entrevista concedida a Edith Frigotto e Ronaldo Rosas. Revista Movimento, Niterói: PPPGEUF, ano II, n.2, 2015. Disponível em: <<http://periodicos.uff.br/revistamovimento/article/view/32555>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

PIMENTEL, Lucilla da Silveira Leite. *Educação e cinema: dialogando para a formação de poetas*. São Paulo: Cortez, 2011.

ROSA, Cristina Souza da. *Cinema Educativo do Fascismo e do Estado Novo em Comparação*. In: Dossiê História e Cinema. Revista Esboços, São Carlos: UFSC, v.19, n.27, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/2175-7976.2012v19n27p55/23178>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

XAVIER, Ismail. *O discurso Cinematográfico: a opacidade e a transparência*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

6. APÊNDICES

6.1. APÊNDICE A – Entrevista com a professora Monique

Entrevista com a professora Monique Souza Santos.

Entrevistador: Lucas De Martin Fortunato.

São Gonçalo – RJ, 17 de agosto de 2019.

Antes da gente começar efetivamente, que queria que você se apresentasse e falasse um pouco da sua formação e das suas experiências de trabalho.

Sou Monique Santos, professora de Língua Portuguesa, Literatura e Produção textual, que está “tudo na mesma história”. Eu sou professora já há vinte e três anos, porque logo que ingressei na faculdade, entrei em sala de aula. Hoje em dia sou professora da rede municipal do Rio de Janeiro, no regime de quarenta horas, trabalho de segunda a sexta em uma comunidade, na Gardênia Azul, de Jacarepaguá. Essa comunidade é muito carente, então é um local onde a gente percebe várias necessidades. Também trabalho na rede estadual. Trabalhei vinte e dois anos, desses vinte e três de profissão, na rede privada¹. Hoje em dia voltei a estudar, estou cursando mestrado em Linguagens, na UERJ².

E quais são essas escolas em que você trabalhou?

A minha vida na escola pública é bem menor, eu só tenho dez anos de escola pública. Eu estou até hoje na primeira, que é o Colégio Estadual Ismael Branco [*escola da rede estadual no bairro Mutuá, São Gonçalo - RJ*]. E na prefeitura do Rio eu tenho cinco anos. Trabalhei os três primeiros anos na Escola Municipal Victor Hugo, na estrada de Jacarepaguá e estou agora no meu segundo ano letivo na Escola Municipal Aleksander Henryk Laks, que é em Gardênia Azul.

Quando eu falo “Cinema”, o que vem na cabeça? A primeira impressão?

A primeira impressão é o que me provoca a vontade ao riso, mas é um riso de alegria, de satisfação. É um local onde eu entro e eu me sinto muito à vontade para poder aprender. É um local, pra mim, que é de muita criação. Os momentos em que eu pensei em criar coisas legais para aula, foram dentro do cinema. Uma cena que passa em um filme e eu consigo visualizar determinada turma que vai se sair muito bem com aquela situação. Filmes,

¹ O Colégio particular mencionado é o Colégio Santa Mônica, unidade São Gonçalo (Mutuá, SG/RJ).

² Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

em momento de férias, que eu estou completamente distensa, eu tô lá assistindo o filme e eu penso, “vou trabalhar esse filme, vou trabalhar essa cena em sala de aula”. O Cinema significa muito pra mim, tanto na minha vida profissional quanto pessoal.

Agora, não me restringindo só a filmes, mas formatos que você acha que dialoguem, podem ser séries, novelas, vídeos... Onde você mais consome, ou prefere consumir, esses formatos?

Eu prefiro consumir, que acaba sendo filme também, por causa da falta de tempo, curtas. Eu trabalho na prefeitura, eu tenho duas turmas de Projeto de Vida. O Projeto de Vida ele convida o professor de qualquer disciplina, a trabalhar naqueles alunos, a ideia de pertencimento, a ideia de “onde eu surgi” e “para onde eu quero ir”. Então é um momento em que eu preciso ter muito cuidado com o que eu vou trabalhar com aqueles alunos, porque, principalmente por serem alunos de áreas muito carentes, eles não foram ensinados a valorizar a origem deles. Então quem vai fazer esse papel, quem vai orientar, sou eu, é a professora de Projeto de Vida [...]. Eu consumo com eles, quase que semanalmente, curtas-metragens. Trabalho com curtas, exatamente pra poder finalizar, fechar semanalmente cada trabalho. E dali eu começo o trabalho de conversação com eles, de eles se auto valorizarem, se conhecerem, tentar encontrar naquilo ali alguma coisa que tem a ver com a realidade deles.

E em casa, no seu âmbito pessoal, o que você prefere?

Eu costumo dizer que ultimamente a minha vida é dupla o tempo todo. Eu moro em Jacarepaguá, todo final de semana estou em São Gonçalo. Uma filha mora em Jacarepaguá, a outra permanece em São Gonçalo. Então, nos momentos em que a gente fica junto, é certo: “vamos ao cinema?” ou “vamos assistir Netflix?” O cinema está assim na nossa vida, é aquele momento em que a gente se encontra pra poder ver uma história e aquela história vai refletir na nossa vida, e vice-versa. E é um momento que a gente vai confraternizar de todas as maneiras.

E nas suas experiências de vida, em algum momento, você ouviu falar no termo audiovisual? E em que contexto foi isso, como foi?

Sim. Mais no contexto profissional. Porque de uns anos pra cá, nós professores temos sido muito exigidos a trabalhar com o audiovisual. Porque algumas pessoas são mais tocadas pelo visual, outras são mais tocadas pelo áudio. Então o audiovisual ele trabalha com as duas vertentes, e assim, a gente consegue alcançar muito mais coisas.

E de onde vem essa exigência que você mencionou?

Vem de cima, mesmo. Porque a educação no Brasil está defasada, está ultrapassada. Alguns cursinhos, algumas escolas, pensam da seguinte maneira: “vou pegar profissionais que acabaram de se formar”, mas esse é um grande erro. Por um lado, eu concordo, acabou de se formar e está com todo o gás, mas o grande “bang” da Educação é pegar profissionais que amem a sua profissão. Essa é a diferença. Eu tenho quarenta e dois anos, eu tenho muitos anos de profissão, mas eu não troco minha profissão por nenhuma. Então eu sempre vou ser diferente, eu não vou ser melhor, sempre vou ser diferente porque eu amo. Então eu estou sempre correndo atrás, tentando me renovar, me atualizar pra poder alcançar. Se eu ficar em sala de aula fazendo a mesma coisa... Eu tenho que ser seduzida por essas coisas novas, e o audiovisual é algo que me dá muito pra eu poder passar para os alunos. E tem muito professor por aí que acabou de sair da universidade, mas ele só fez Letras, só fez Matemática, História, enfim, qualquer disciplina, porque foi o que deu. Então aquele cara não vai render. Ele não vai correr atrás das coisas para poder fazer a diferença. Mas não é a diferença pra mim, é a diferença para o aluno, para o estudante. Então, o cinema é uma arma que a gente tem, muito forte, para poder alcançar. Em momentos, em reuniões, dessa disciplina de Projeto de Vida, que a direção seleciona os professores que ela quer colocar no projeto de acordo com o nosso perfil [...], nessas reuniões a gente senta e conversa quais filmes nós vamos trabalhar. E cada professor, puxando pra sua sardinha, não tem como, não tem como eu estar no Projeto de Vida, estar trabalhando um filme da mesma forma que o professor de Geografia. Que é com quem eu mais diálogo, Geografia e História. Cada um vai trabalhando da sua maneira e, por fim, fica tudo perfeito. E até em momentos de “vamos escolher um passeio escolar”, tem ficado cada vez mais forte “vamos ao cinema”.

Na sua fala, pelo que eu entendi, parece que essa exigência pelo audiovisual vem mais pelo contexto em que nós estamos, “obriga” um pouco essa utilização. É isso ou é algo mais concreto, uma orientação da Direção ou da Secretaria? É uma exigência concreta ou algo que você acredita que é necessário?

É necessário sim, porque a evasão escolar... Eu digo que a escola faz, ou ela destrói. Uma área que deveria ter tanto cuidado, ou mais, quanto a medicina, é a escola. Então o olhar sobre a escola tem que mudar. Uma palavra mal dita, uma aula dada de qualquer maneira, pode destruir muitos sonhos. E automaticamente, destrói vidas. O professor tem que ser sonhador, não tem jeito. Então, é uma exigência que vem por causa do momento, a evasão

escolar é muito grande. Eu penso de outra maneira, a evasão escolar não é só o sujeito sair da escola, é quando também ele está na escola, mas “não está”. Tem vários alunos que são brilhantes, mas que aquele brilho foi destruído porque ele não foi aguçado, ele não foi incentivado a permanecer naquele caminho que ele queria. É uma coisa muito grave, muitos sonhos estão sendo destruídos. Então, é uma exigência sim, e é uma exigência que pode ser vista de duas maneiras: o professor que está ali e ele sabe que o fazer dele é um fazer que tem que ser modificado a todo momento, ele vai olhar para aquilo e entender que é uma exigência necessária. Agora, o camarada que vai para escola que só quer cumprir o horário dele para no final do mês receber, ele vai achar que é uma exigência e até se rebelar contra aquilo. Trabalhar de qualquer jeito e o que poderia ser revelador para uma pessoa, vai ser destruído.

Eu ia te perguntar como você percebe a presença do audiovisual na escola através do seu trabalho e dos seus colegas. Algumas coisas sobre isso você já falou e pode retomar se quiser, mas em especial eu gostaria que você comentasse sobre esse planejamento que vocês fazem e a escolha dos filmes no Projeto de Vida.

Vamos lá. Primeiro você perguntou como eu enxergo isso presente na vida dos profissionais. Eu vou pegar um exemplo de um colega meu de trabalho, professor de Educação Física, e ele também é de Projeto de Vida, porque acredita... É um burguês, sempre teve dinheiro [*Monique fala com ironia e ri*], mas sempre foi apaixonado pela educação [...]. O Bruno é um dos professores que mais indica filmes. Ele trabalha sempre com essa ideia de determinação, autoestima [...]. Então o tempo inteiro, cada bimestre, a gente senta, três, quatro vezes semanalmente, e discute qual tema vamos trabalhar para poder melhorar essa autoestima dos alunos. E depois carrega isso para as nossas disciplinas [...]. E o cinema está sempre presente. sempre. Projeto de Vida é basicamente, a gente trabalhando com cinema toda semana. Toda semana mesmo.

E me parece que a escolha desses filmes é muito para ilustrar os temas que vocês vão trabalhar. Para além disso, como é feita a seleção desses filmes? Aonde vocês buscam esses filmes, quais são os referenciais e que recursos existem para a exibição? Há uma estrutura para isso?

Essa parte de buscar os filmes é a parte mais difícil porque a gente não tem tempo. Então acabamos compartilhando um com o outro um filme que a gente assistiu, um filme que alguém falou. Aí a diretora trouxe pra nós um site que tem várias sugestões, feito por um grupo de professores que foi tirado de sala de aula. A estrutura da prefeitura é muito boa. A

prefeitura do Rio, se você tiver boa vontade, se você aceitar as sugestões, você cresce muito, por um lado. Por outro lado, eles querem prender a gente como DE [*dedicação exclusiva*], mas não nos pagam como [...]. E esse grupo de professores que foi tirado de sala de aula, eles ficam só para pensar. Nem sempre o que eles pensam é legal não, mas a equipe de Projeto de vida é legal, então a gente vai lá, acessa aquele banco e pega os filmes [...].

Isso é algo que já falamos, de certa forma, a entrevista inteira, mas, que potencialidades você enxerga na relação do Cinema e do Audiovisual com a Educação? O que poderia ser feito para além do que já está em prática?

Eu vou te falar agora de uma experiência que eu tive quando eu trabalhava lá em Magé. Eu dava aula na favela baixa de Magé e num dado momento eu descobri que aqueles alunos nunca tinham ido ao cinema. Nunca. E eu passei dificuldade do tipo, eles desejavam fotografar a tela do cinema. Eu levei eles para o Plaza Shopping, junto com a diretora e o professor de história, nós arrumamos um ônibus. Para eles, sair da escola, sair daquela favela, era uma novidade muito grande [...]. E quando começou o filme para eles era, assim, a grande novidade. E eu falei assim “gente, isso aí eu estou acostumada a fazer o tempo inteiro. E os meus alunos da particular fazem isso...”. Eles não sabiam como se comportar. E depois daquilo ali eu vi o quanto eles começaram a se sentir importantes. Volta e meia eles falavam do cinema, eles nem ligaram para o filme, eles ligaram mais para o fato de ter ido aquele local [...]. Quando um aluno me falou assim “eu nunca fui ao cinema”, eu falei “eu tenho que fazer alguma coisa, eu tenho que levar eles pro cinema”. E aquilo ali pra mim foi transformador. Algo que estava completamente presente na minha vida, “não tenho nada pra fazer, eu vou ao cinema”, pra eles era uma grande novidade. Então aquilo mostrou o quanto o simples pode ser fundamental. Isso deve ser potencializado, sim. E outra coisa, quando eu vou assistir “Vingadores” e eu volto pra sala de aula, vou conversar com eles, e eles descobrem que a professora, muito mais velha que eles, tá dialogando sobre um filme que é da faixa etária deles, eles começam a falar comigo de outra maneira. Também, quando eu pego o exemplo de um filme e vou falar com eles, pronto. Ilustrou. Aquilo ali está claro na cabeça deles. Quando a apostila, que também é feita por esse grupo de professores que está fora da sala de aula, chega no filme tal, faz a ligação entre as mídias: pega uma poesia, pega um filme que dialoga com o mesmo tema, pega uma música [...], divide em três seções. O aluno se prende à parte que fala do filme. Não adianta, a mídia que mais alcança eles é o cinema. Então a gente tem que usar isso com muito carinho, mesmo, porque é muito visível [...]. A prefeitura me trouxe a experiência do [*ensino*] fundamental, que eu ainda não tinha [...]. E é lá que a gente tem que

trabalhar com muita força [...]. Aluno de sexto, sétimo, oitavo e nono ano, o cinema está muito presente. Quando você traz o cinema, acabou. Quando você começa falando da cena de um filme, eu consigo prender aquele aluno pra tudo. Eu levo ele pra música, eu levo ele pra poesia [...]. Em todos os momentos que eu consigo tocar com mais força a vida dessas crianças, que são carentes, carentes de fome, de não ter o que comer, é quando eu começo com cinema. A maneira que eu consigo tocar, alcançar com mais força, é quando eles trabalham com o audiovisual. É surpreendente.

Com a sua fala daria pra gente se estender sobre uma longa conversa, mas pra não nos perdermos em algo tão extenso, vou me limitar a uma pergunta. É possível afirmar que para algumas crianças, a escola foi o primeiro contato com o Cinema?

Sim. E vou te falar, assustadoramente, quanto mais humilde é a comunidade, essa situação acontece com maior força [...]. Uma das turmas que eu tenho muito carinho, e eles tem muito carinho por mim, estavam “professora, vamos tentar marcar pra gente ir ao Center Shopping na segunda-feira assistir qualquer filme?”. E o engraçado foi esse, “qualquer filme”, “só pra gente ficar junto um pouquinho fora daqui”. Porque na segunda, custa seis reais a meia, então tem toda essa preocupação. São trezentos metros que separam a escola do shopping e tem aluno que nunca foi. Nunca saiu [...]. Então assim, até a maneira, o tempo, como eles querem confraternizar, é ir ao cinema. Vou até dizer que é o local onde eles “alcançam”. A praia é mais perto, mas na praia eles vão encontrar muita gente que tem um poder aquisitivo diferente do deles. Não querem. Já no cinema, eu acho que eles vão ficar “escondidos”. Porque sempre tem essa questão de querer ficar escondido, eles têm medo de ter esse contato com o mundo e enxergar que eles são diferentes. Mas quando fala “cinema”, todo mundo fica igual [...]. Eu acho que é o momento em que eles percebem “é só sentar e assistir”. E todo mundo vai falar sobre a mesma coisa. Então, eu acho que o cinema é um espaço de muita humanização. E eles conseguem se identificar porque eles têm duas maneiras de ter contato. Vou falar, três. O áudio e visual e a experiência de vida deles. Porque o aluno tá ali sentado e começou a chorar, não é à toa, ele se identificou com alguma coisa. Não tem como o professor estar em sala de aula e não trabalhar com cinema, não trabalhar com filmes. Não tem como.

Antes de encerrar, gostaria de saber se você quer retomar alguma coisa, acrescentar ou sugerir.

Eu estou satisfeita porque essa entrevista me convidou a pensar minha prática. Eu sou UERJ, eu sou prática pura, não tem jeito [...]. O pessoal lá da escola fica mexendo comigo: “A professora do data show, a professora da música”. Nessa escola, todos os professores são muito jovens, eu sou uma das mais velhas. Aí eles ficam mexendo comigo porque apesar de eu ser mais velha, eu tenho a cabeça muito jovem. Eu tô sempre com televisão, eu tô sempre com data show, o meu radinho tá comigo o tempo inteiro [...]. A única coisa que eu queria retomar: a dificuldade que a gente tem pra trabalhar esses audiovisuais. Eu te falei da questão da televisão. Transportar a televisão pra sala de aula não é fácil. E eu tenho que correr, eu chego cedo pra poder pegar o data show. Não tem o suficiente pra todo mundo. E a minha escola é ativa, por isso que na rede ela é considerada uma escola padrão. E eu só fui pra lá por isso, porque eu estava entristecendo em sala de aula, em uma escola onde não tinha nada disso, e eu precisava. Mas tem dia que o professor chega lá e não tem mais data show nenhum. Aí a gente reveza o material. Isso é muito triste, não ter recursos. Às vezes eu vejo que meu colega preparou a aula todinha pra ali e não tem material. É uma dificuldade que a gente tem. Isso deve ser muito trabalhado, muito falado mesmo: dentro da educação a gente não tem todos os recursos necessários. O ideal era que fosse como no *[Colégio] Santa Mônica*, cada sala já tem... Eu subia só com a chave e abria lá e pronto. E a gente sabe que isso só acontecia porque é uma escola particular, então é tudo mais fácil [...]. Na pública é tudo mais difícil, então se você não tiver o mínimo de amor pela sua profissão, se você tiver com algum problema pessoal que tire, que roube sua força naquele momento, você não vai fazer. Porque é tudo muito difícil. Não vai. Não tem como [...]. Essas dificuldades atrapalham muito [...].

6.2. APÊNDICE B – Entrevista com o professor Luiz

Entrevista com o professor Luiz Coutinho Cardoso.

Entrevistador: Lucas De Martin Fortunato.

São Gonçalo – RJ, 16 de agosto de 2019.

Primeiro eu gostaria que você se apresentasse e falasse um pouco da sua formação e suas experiências de trabalho.

Sou o professor Luiz. Sou professor de História e Filosofia. Me formei na UERJ, faço mestrado na UERJ. Tenho trinta e oito anos. Pretendo, ao término do mestrado, tentar o doutorado, dar continuidade aos meus estudos, principalmente voltados para a Ética da Alteridade, que é um dos trabalhos e propostas de planos metodológicos para a prática de ensino. Sou professor já há dez anos, no município e no estado do Rio de Janeiro... Mais de dez anos... E pretendo dar continuidade ao trabalho, principalmente desenvolvendo metodologias práticas voltadas para a história do Brasil [...].

Você comentou que trabalha tanto no município quanto no estado. Em quais colégios?

Eu trabalho no Uruguai [*Escola Municipal Uruguai*], no município do Rio. Essa escola é de frente para a Mangueira e do lado é o Tuiuti. E trabalho no Barro Vermelho, em São Gonçalo, no estado [*na Rede Estadual de Ensino, no CIEP 246*]. São duas escolas em que trabalho e em Pré-Vestibular, no caso em Nova Cidade [...]. E busco trazer esse trabalho para camadas de baixa renda que a gente tem no município do Rio e de São Gonçalo.

Na sua visão, tanto pessoal quanto em seu trabalho, quando eu falo em “Cinema” o que vem na sua cabeça? O que é Cinema para o Luiz?

Cinema... Em um primeiro momento me dá a ideia de visibilidade. No meu entendimento é informação, é conteúdo. E dar visibilidade a trabalhos de pessoas engajadas em um processo político-pedagógico, onde elas possam fazer que a sociedade reflita sobre alguma questão de interesse coletivo. Porque eu imagino que o cinema, como foi o Cinema Novo, o cinema hoje, fruto da construção da forma de fazer cinema durante a década de sessenta e setenta, [*deveria ser*] um cinema com propostas de inclusão social. Um cinema que tenha uma proposta diferenciada no sentido daquela do cinema norte-americano, um cinema com a cara do Brasil, que traça as nossas questões do cotidiano, que faça uma opção pelos

excluídos de uma sociedade advinda de um passado no qual grande parte de pessoas não tiveram a mesma oportunidade... Um cinema que mostre que quem tem pretensões ou aspirações individuais talvez nunca vá entender a proposta de um cinema, por exemplo, que visa a luta coletiva, de mudanças, de direcionamentos, de críticas sociais, sejam elas políticas ou econômicas. Que dê visibilidade a aqueles que não tiveram voz em uma sociedade marcada pela exclusão social, pelo autoritarismo... Um cinema engajado, que dê visibilidade a muitas vozes em um mundo que se torna cada vez mais diversificado, onde ao mesmo tempo segmentos da nossa sociedade rumam a uma visão mais autoritária e conservadora, onde a diferença e a alteridade e a empatia se fazem necessárias na compreensão de que todos nós fazemos parte desse Brasil, mas um Brasil onde deveria se ver muito mais inclusivo do que em uma posição mais elitista [...]. Toda essa situação que eu falo de visibilidade é a necessidade, mesmo, do cinema se fazer presente e mostrar a dificuldade cotidiana de um povo que se acha diferente do que é, [...] que não se reconhece. Que possa fazer a diferença, vislumbrando assim, a possibilidade de um mundo melhor. Penso eu, não cair em um otimismo ingênuo nem mesmo um pessimismo amargo, mas cultivar a esperança de que as coisas podem mudar [...]. O cinema não ser só entretenimento, ele ser mais do que isso, ser um veículo de visibilidade e de comunicação [...].

E como você costuma consumir, e aí não me restrinjo só a filmes, mas todos os formatos que você acredita que dialoguem, como séries, vídeos, televisão. Onde você costuma ou prefere consumir esses formatos?

Na Internet, o YouTube. Ela dá possibilidades muito maiores, tem também a Netflix, mas o YouTube tem documentários, que é o que eu mais gosto, alguns filmes brasileiros, que eu me interesse muito. Um deles foi esse “Quanto é? Quanto vale o quilo?”³, de atores brasileiros que fizeram muito bem um paralelo entre nosso passado escravocrata e a nossa sociedade atual [...]. O tipo de filme que eu gosto é o filme informativo e documentários. “As Guerras do Brasil”⁴, por exemplo, na Netflix, me chamou muito a atenção, porque é um documentário com proposta pedagógica, de uma outra visão de uma história que muitas vezes, pelo pouco tempo, pelas dificuldades dos professores, não foi apresentada como um instrumento de transformação da realidade social. E esse documentário é interessante, instiga a pensar e mostra que nós enquanto atores sociais, somos protagonistas de um passado histórico que é vivenciado no cotidiano da nossa vida. E outros, relacionados a

³ *QUANTO vale ou É por Quilo?*, Sérgio Bianchi, Brasil. Netflix, 2005. 104min.

⁴ *GUERRAS do Brasil.doc*, Luiz Bolognesi, Brasil. Netflix, 2018. 1 temporada, 5 episódios.

entretenimento, eu sou ligado muito a filmes que tenham a ver com a realidade brasileira, filmes brasileiros, filmes de Cacá Diegues, outros muito bons que eu tenho notado que têm feito a diferença, pelo menos, nas minhas aulas e na minha vida cotidiana, e tento me orientar no cinema a partir de propostas que envolvam a questão política e social mesmo. Tenho, pelo menos nesse momento, me centrado mais nesses tipos de filmes e de atores cinematográficos brasileiros. O próprio Lázaro Ramos e outros que têm feito um bom trabalho nesse sentido de divulgação e de visibilidade de vozes, até então excluídas, silenciadas, da nossa sociedade brasileira.

E você, em algum momento das suas experiências de vida, já ouviu falar no termo audiovisual? Em que contextos?

Sim... O audiovisual... Geralmente na escola, na faculdade, falava-se muito em audiovisual. Mas não era muito claro também o que seria o audiovisual. Nunca ficou muito claro. Pra mim se confunde com o próprio Cinema... No caso, o som associado à imagem... E a proposta de entretenimento, de informação. Cada proposta que queira ser apresentada com imagem e som.

Você tem falado bastante de diversos papéis do Cinema. Queria saber como você enxerga a presença do cinema, do audiovisual nas suas aulas ou dos seus colegas, podendo ser tanto em relação à recursos, como conteúdos. De que forma você enxerga o audiovisual presente na escola?

O que me parece é a pouca utilização do material audiovisual. Em algumas escolas devido à precariedade. Então, utiliza-se, aqui na escola pelo menos, eu utilizo o data show. Utilizam-se bastante filmes, mas que não sejam muito longos, utilizam-se geralmente recortes de filmes como forma pedagógica de acrescentar, agregar princípios e valores educacionais, associados à aula ministrada pelo professor. Por exemplo, a gente trata de Brasil Colônia, trabalha escravidão, trabalha guerras de independência, vamos buscar filmes que estejam relacionados aos temas em sala de aula. Buscar, através do audiovisual, uma maneira de facilitar o conhecimento: o visual com a oralidade e as atividades “de quadro” [...]. Acaba sendo um reforço, das aulas ministradas pelo professor, o audiovisual e os filmes, como uma proposta pedagógica [...]. E aí alguns professores, com certeza, devem utilizar esse material, mas eu não sei a quantidade certa e a periodicidade [...].

Como você acha que seria ideal, ou quais potencialidades você enxerga, na relação do Cinema com a Educação? O que daria pra ser feito, além do que você já citou?

Como eu falei, o cinema tem uma proposta muito mais abrangente do que o professor em sala de aula, porque a visibilidade que o cinema vai dar na formação da opinião pública vai ser muito maior, porque ele atinge um número muito maior de pessoas, enquanto o professor fica restrito ao ambiente da sala de aula. A proposta do Cinema para a Educação, para a transformação de realidades dos nossos alunos, de futuros cidadãos responsáveis por seus direitos e obrigações, seria fundamental, a partir do momento que em sala de aula possa se fazer a ponte entre Educação e Cinema e a sua abrangência, extrapolando o espaço físico escolar, conseguindo um maior número de pessoas, para a formação ou reflexão da opinião pública sobre determinado assunto veiculado pelo cinema. O Cinema, como uma das artes mais importantes, tem um canal, *[o poder]* de proporcionar visibilidade, muito maior do que os professores na própria sala de aula. Eu acredito no cinema como um instrumento pedagógico de transformação social [...]. O cinema se trata de um apelo também, dependendo de como vai se fazer isso, ao emocional, indo para além da forma tradicional, pode se dizer, da relação entre o professor e o aluno, de uma racionalidade de origem mista, de troca, de experiências entre professor e aluno, de conhecimento. Porque o cinema vai fazer um apelo muito maior que o professor, de sua narrativa histórica em sala de aula, dando por exemplo: “um filho que deu uma carta de alforria a sua mãe”, o professor poderia, com todo o tipo de comoção, apresentar isso em sala de aula, como fonte histórica, mas o cinema, pela dramaturgia, ele pode causar sentimentos que o professor em si não tem condições de atingir, como a dramaturgia pode atingir. A razão tem seus limites, enquanto a dramaturgia pode extrapolar os limites da própria razão ao apelar ao sentimento, *[de forma que]* o aluno se sinta engajado e participativo daquele sentimento que está sendo apresentado para ele. Então, o cinema tem um poder muito maior no apelo ao sentimento e à informação ao mesmo tempo. Associado ao trabalho pedagógico do professor seria fundamental para o esclarecimento, informação e estímulo ao senso crítico.

Antes de encerrarmos a conversa, você tem alguma consideração a fazer, quer retomar alguma coisa ou fazer alguma sugestão?

A sugestão que eu faço é que cada vez mais o Cinema se torne uma ferramenta fundamental e necessária na produção de trabalhos voltados à história do Brasil e África [...], para resgatarmos cada vez mais o conhecimento fundamental de uma identidade ainda em

formação dos brasileiros, para que nós nos sintamos parte integrante de uma sociedade, de um projeto coletivo, e não a partir de pretensões, de aspirações individuais. Mostrando que a sociedade deve conhecer a sua história, pois um povo sem história é um povo sem memória [...]. E assim se tornar um povo mais consciente [...]. E o cinema é uma ferramenta necessária, pois ela faz um apelo emocional muito forte e coletivo, sendo uma proposta pedagógica de trabalho, sendo, a meu ver, na nossa realidade, mostrando as raízes de nossa formação, mostrando que o país é um país de contradições múltiplas, de um passado autoritário [...]. E dialogar com as camadas populares de uma sociedade excluída [...]. A gente vê que é uma sociedade ainda muito marcada pelo seu passado e o cinema é fundamental, de dar visibilidade à essas vozes que estão ainda no submundo de exclusão. A partir do momento que, para as elites, não precisa dar voz aqueles que precisam ter voz numa sociedade ainda marcada pela influência do escravismo, sendo o último país na América Latina a ter abolido a escravidão. E o papel do cinema nesse sentido é, sugiro, voltar cada vez mais à história do nosso país. E a partir do momento que estudamos essa história, conseguimos nos repensar enquanto brasileiros e a nossa identidade [...]. Através do cinema, pensarmos uma sociedade mais justa, mais igualitária e mais humana. No sentido de pensar não em pretensões individuais, mas em lutas coletivas para uma sociedade que pode ser mais inclusiva. Penso nesse sentido sobre o papel do cinema hoje.

Como fazer para essas comunidades excluídas terem mais voz através do cinema? Levar elas até o cinema ou levar o Cinema até elas? Ou isso já acontece?

Eu acredito que podemos fazer tudo isso. Podemos fazer um laboratório de experiências e ver o que está dando certo e o que não está dando certo. Levar o Cinema à escola é importante também por o trabalho pedagógico não se restringir ao espaço escolar. Fazer a educação para além de um espaço físico. Sair com os alunos, mostrar outras realidades, pois muitos não conseguem sair do bairro aonde morem devido a dificuldades financeiras. Então, olhar outras realidades, mostrar as possibilidades do cinema, e eles serem protagonistas do próprio trabalho cinematográfico seria de suma importância. Porque dali poderiam surgir atores, surgir cameramen, pode sair uma série de profissionais ligados ao cinema ou cineastas também, engajados com propostas pedagógicas de transformação social por meio do próprio cinema.

6.3. APÊNDICE C – Entrevista com o professor Robson

Entrevista com o professor José Robson de Almeida.

Entrevistador: Lucas De Martin Fortunato.

São Gonçalo – RJ, 14 de agosto de 2019.

Antes de iniciarmos, eu gostaria que o senhor se apresentasse, falasse um pouco mais sobre você, sua formação e sua experiência de trabalho.

Meu nome é José Robson de Almeida, eu tenho cinquenta e cinco anos de idade, sou formado em Biologia. Fiquei trabalhando na Fundação Oswaldo Cruz [*Fiocruz*] de 1986 até 1995. Trabalhei com uma doença chamada esquistossomose, saí de lá com toda uma formação científica... Na Fiocruz eu tive uma preocupação maior com a formação humana. Eu via muitos professores competentes, pessoas boas, mas também via vaidade na profissão docente. Algumas pessoas que promoviam muita dificuldade em compartilhar seu conhecimento. Resolvi trabalhar com as crianças. Fiz prova pra duas instituições e passei nas duas, mas acabei ficando no Colégio Santa Mônica. Já no Colégio Santa Mônica, fui promovido no terceiro ano à direção da escola, e estou há vinte e sete anos e três meses dirigindo essa escola. Voltei a estudar, então eu fiz um mestrado, também na área de educação e agora tô fazendo um doutorado, na área de educação também. Ambos em Lisboa. O mestrado foi revalidado na UFRJ⁵ e quando houver a conclusão do doutorado, espero fazer também a revalidação. [*Ambos feitos*] na área da formação docente, principalmente os valores e princípios da profissão.

Com o professor Robson, tanto no pessoal, quanto no trabalho, quando eu falo “Cinema”, o que vem na cabeça?

O cinema é uma ferramenta do conhecimento. Quando você fala em cinema eu lembro de pessoas, que tem vida, que vivenciam o que foi escrito [*nesse caso, com o significado de produzido*] por alguém. Por isso a importância do cinema, de quem produz, para quem produz [*nesse caso, o entrevistado quis dizer “para quem é produzido”*]. Por exemplo, na escola é uma ferramenta muito importante, principalmente na atualidade. Mas não como um “tapa buraco” de aulas, não para que as crianças fiquem quietinhas, mas como

⁵ Universidade Federal do Rio de Janeiro.

um suporte, um embasamento teórico, para o complemento não, para a interação do conhecimento que está sendo compartilhado entre o professor e o aluno.

E, na esfera pessoal, como o senhor prefere consumir filmes? No cinema propriamente dito, ou em casa, em alguma plataforma online, na televisão, internet...

Eu gosto muito de ir ao cinema com meus filhos. Gosto de usar também os filmes na modernidade, tanto o telefone quanto o computador, e gosto também da televisão, vendo os filmes reproduzidos, junto com meus filhos. Por exemplo, hoje, todos os dias ao chegar em casa, eu faço o jantar do meu filho mais novo, o Enzo, e assisto a um filme com ele. Escolho um filme pra gente assistir juntos. E a gente vai discutindo tudo aquilo sobre o que foi escolhido. O que ele consegue entender, interpretar, com aquelas informações. Então, não escolhemos qualquer filme, fazemos toda uma seleção sobre o que vamos assistir durante aquela semana...

Você conversa com ele depois do filme? Como isso é feito?

Sim, nós conversamos bastante... Mas, evitamos falar durante o filme. Temos a característica de ver os detalhes, não só o conteúdo do filme, mas também a interpretação, as mensagens, a linguagem que não está nas palavras, mas na face, nos gestos... Toda a interpretação. Na minha linha de pensamento, como eu sigo a Hannah Arendt, e ela cita que o poder só pode ser constituído quando as palavras não se divorciam das ações. Então eu presto muita atenção nas ações dos filmes, nos gestos dos atores e o contexto, principalmente quando eu já tenha lido o livro ou já tenha discutido com o Enzo alguma coisa a respeito do trabalho desenvolvido.

O senhor em sua formação, ou em seu trabalho, em algum momento, já ouviu falar no termo “audiovisual”?

Já!

Como foi isso?

Na faculdade, por mais que tenha sido de uma forma bem discreta, até mesmo porque, eu fui aluno na faculdade em 1982, o audiovisual era uma coisa ainda incipiente, ainda superficial, e aproveitado de uma outra maneira. Já aqui na escola, o audiovisual tem um recorte de importância, de grande relevância. Nós o utilizamos. Todas as salas têm a

possibilidade de reproduzir filmes pros nossos alunos, com qualidade, não só na parte visual como na parte auditiva também.

E o entendimento do senhor sobre o que é audiovisual? Como o senhor classificaria?

De uma forma bem superficial, eu diria que é o conhecimento através não só do que está sendo lido, mas do que está sendo visto e escutado. Você vai ocupar duas linhas de aprendizado do indivíduo. Por exemplo, existem indivíduos que não conseguem aprender através da leitura de um texto, mas conseguem, através da interpretação visual e da informação auditiva. Isso acontece muito com o dislexo. Ou então, o deficiente visual, não vai ter aquela imagem, mas vai ter o áudio. Então, é um ensinamento, eu acho, que complementa de uma forma mais abrangente a informação que vem através da escrita.

O senhor já comentou sobre, mas, retomando, como enxerga aqui na escola, ou outro local que já tenha trabalhado, vivenciado, a presença do audiovisual? Através de que elementos, de que forma, ele está presente na escola?

Na comunicação aos pais, na comunicação das matérias, do professor ao aluno, no diálogo entre os docentes. Hoje, por exemplo, através de filmes, com não tanta produção, os professores mandam mensagens com o seu rosto, mensagens audiovisuais, “fulano, eu gostaria que você estudasse isso”, ou então, até mesmo filmam as suas aulas pra mandar para os seus alunos, ou pros seus colegas. Isso é uma realidade dentro da escola, mas, nós precisamos treinar os professores a aproveitar essa forma de ensinar, essa forma de aprender, de uma maneira mais bem elaborada, mais bem organizada. Pode ser aproveitado dessa maneira que eu falei, ou de outras formas, que estão dentro da criatividade de cada docente.

E que potencialidades o senhor enxerga que poderia ou deveria haver nessa relação do Cinema, do Audiovisual, com a escola, com a Educação?

Há alguns anos atrás quando houve uma explosão da utilização da tecnologia nas escolas, eu falava já com a gestão da escola da importância de usar o audiovisual para o conhecimento do jovem. Não só os tablets, que naquela época não existiam, eram os e-books, e depois veio ter outras nomenclaturas, e poderemos ter outras nomenclaturas mais adiante, mas que facilitavam a linguagem do conhecer e do aprender, do ensinar, para os atores escolares. Hoje, eu mostro pro gestor da escola o que eu falava no passado. Quando nós éramos mais jovens e eu não tinha conhecimento, não compreendia aquela linguagem do

professor, buscava uma alternativa, um complemento do conhecimento, através de um professor secundário, pagava um professor pra suprir aquela minha necessidade, um professor particular, vamos dizer assim. Hoje, os professores podem fazer a utilização da sua própria imagem, exatamente a aula reproduzida naquele momento, pra auxiliar, não somente como um tira-dúvidas, mas como um enriquecimento, um embasamento teórico, falado e prático, para os seus alunos. Eu tenho reclamado bastante em relação a essa comunicação, essa parte audiovisual, até mesmo dos textos acadêmicos. A grande parte das universidades, elas não reproduzem seus textos de forma audiovisual, ou seja, só uma parte da sociedade tem acesso, porque tem “olhos” pra ler aquele texto. Mas aquele texto poderia vir através do som, do áudio, através de uma filmagem. Hoje isso não é complicado de ser feito. As bibliotecas ainda mantêm os textos das formas tradicionais, que é através somente do papel. Imagina quanto tempo e quanta qualidade de informação você poderia reproduzir pra uma série de outras pessoas que até hoje ficam restritas a alguém ler aqueles textos pra elas [...]. Felipe Renault, ele cita, que é o professor a primeira figura a moldar o indivíduo, é lógico, fora de casa. Nós precisamos, como António Nóvoa fala, interagir a teoria com a prática. Quem vai fazer isso? É o professor. Então, o professor precisa ser treinado nas universidades a “como usar o audiovisual?”. Não só ele ser a pessoa que vai filmar, mas, como ele vai utilizar essa ferramenta. Não como um “band-aid”, como falei anteriormente, não como um esparadrapo, um tapa-tempo, um cala a boca, ou então simplesmente um “ah, eu estou ocupado, então vou botar um filmezinho para os meus alunos assistirem.” Mas sim um instrumento de construção de conhecimento dentro do planejamento político-pedagógico. É como eu vejo essa linguagem dentro da escola.

Antes de encerrarmos, eu gostaria de saber se o senhor quer retomar, acrescentar ou sugerir alguma outra coisa na nossa conversa.

Eu gostaria de fazer uma sugestão para que as universidades olhassem para os ambientes da formação básica. É um grande laboratório. Saviani já fala sobre isso. Então, trazer os jovens alunos, em formação na graduação, ou no mestrado ou no doutorado, para aproveitarem esse espaço que é a escola e verificar quais são as necessidades do docente e do discente. Porque senão, nós vamos ter muito embasamento teórico, mas pouco embasamento prático.

6.4. APÊNDICE D – Entrevista com o professor Daniel

Entrevista com o professor Daniel Cavalcante da Silva.

Entrevistador: Lucas De Martin Fortunato.

São Gonçalo – RJ, 14 de agosto de 2019.

Para começar, eu queria que você falasse um pouco de você. Seu nome completo, um pouco da sua formação, onde você estudou e onde já trabalhou e trabalha atualmente.

Bem, sou o Daniel Cavalcante da Silva, estudei na Escola de Belas Artes da UFRJ, me formei em educação artística com habilitação pra Artes Plásticas. Fiz recentemente uma pós-graduação de ensino em Artes Visuais. Atualmente trabalho nas redes estadual e municipal [*de ensino*] aqui em São Gonçalo. Também trabalho em escola particular: [*Centro Educacional*] Monteiro Lobato. E já faz dez anos que eu sou professor de Arte.

E essas escolas da Rede Pública em que você trabalha são quais?

Eu trabalho em uma escola em no Bairro Luiz Caçador, é um CIEP, o CIEP 439. Essa é a estadual. A municipal é a Escola Almirante, fica em Alcântara. Ela é bem peculiar porque fica dentro de um condomínio da Marinha, e hoje, a escola foi municipalizada, mas ela continua dentro desse condomínio, o acesso dela ainda é pela guarita do condomínio.

E para o Daniel, tanto o professor, quanto na sua vida pessoal, quando eu falo “Cinema”, o que vem na sua cabeça?

Então, cinema pra mim é uma coisa muito boa, porque eu consigo unir com o trabalho, por conta de não conseguir desassociar Cinema de Arte, e também porque é um entretenimento. Então, Cinema é uma coisa muito ampla. Eu vou ao cinema por vários motivos. Eu vou ao cinema pra ver diretores e atores que eu gosto, mas vou também com a intenção de me divertir, passar o tempo e misturado com essa coisa de aprender, estar apreciando arte.

Onde você mais consome “cinema”, não só pensando no “cinema” espaço físico? E também não só necessariamente filmes, mas também vídeos, séries, ou outros formatos que dialoguem, que você acredita que tenham a ver com cinema...

Então, eu nunca tinha pensado em considerar vídeos “isolados” como Cinema, mas eu consumo mais na sala de cinema. Apesar das plataformas de streaming, eu assisto mais nas salas de cinema mesmo. Até por conta de tempo, pra mim é mais prático [*reservar um tempo específico para ir ver um filme*]. Mas também tem a questão dos videoclipes que eu vejo pela internet. Então acabo ficando mais no espaço físico do cinema e a internet.

E na internet tem alguma “categoria” que você goste mais de assistir?

Talvez drama. Drama é o que eu mais assisto.

Vídeos de ficção mesmo?

Sim... O segundo seria documentário. Assisto bastante documentário também, principalmente sobre os conteúdos voltados para minha disciplina. Bastante documentários sobre artistas e períodos históricos.

Você já ouviu falar, ou conhece, o termo audiovisual?

Já!

Onde você ouviu falar?

Bem, dentro dos cursos que eu fiz. Eu fiz uma pós agora no ensino de Artes Visuais. E audiovisual é uma palavra que está bem em destaque. Porque a gente divide os conteúdos de Arte [*do curso*] entre História da Arte e Cultura Visual. Então, quando a gente fala de História da Arte, o Audiovisual fica muito “pequeninho”. E às vezes chega a nem aparecer. Mas quando a gente fala de Cultura Visual, é direto. Ele é o protagonista. Porque audiovisual está dentro das coisas que a gente consome, tanto TV, como cinema, internet...

E essa fala sobre o audiovisual, você percebeu só na sua pós-graduação ou durante sua formação já tinha?

Já tinha. Já tinha bastante, mas era uma coisa mais tímida. A gente tinha o conceito bem básico de audiovisual. Aquela coisa do pensar no técnico, mesmo: é uma produção em que se tem imagem e som. Então, era uma videoperformance... Era pensar no audiovisual

como uma coisa. E agora eu já tenho uma visão de audiovisual [*como algo*] que não dá pra separar da nossa vida, a gente tem audiovisual em tudo. Não só na parte artística.

E essa formação foi quando?

Eu me formei esse ano na pós [2019]. Na graduação faz dez anos.

Eu tenho curiosidade em saber se os cursos mais recentes estão incorporando esses conceitos. Porque, eu conversando com professores que se formaram há mais tempo, 20, 30 anos, tenho a impressão que esse conceito não “chegava”. E, ainda hoje, principalmente fora da área artística, esse conceito não é tão conhecido...

Mas apesar do conceito não chegar, na prática é uma ferramenta que os professores usam bastante... Todo professor, independente da matéria que seja, ele vai pegar um vídeo pra passar pros alunos, pra facilitar o discurso, a matéria que ele está querendo passar.

Você já tocou em dois temas que eu gostaria de retomar. O primeiro, na verdade, é sobre o que você viu e o que entende hoje sobre audiovisual. Você poderia estender um pouco isso? Você comentou que entendia como algo mais técnico, mas hoje percebe como algo muito imerso na nossa sociedade. Pode falar mais sobre o seu entendimento?

Sim. Eu entendo que o audiovisual faz parte da nossa vida como uma ferramenta, como um entretenimento e outras formas que a gente nem percebe, de tão associado ao nosso dia a dia. Audiovisual é... Agora... Pode ser o letreiro de uma loja, por exemplo. Se a tecnologia avançou tanto a esse ponto, produzir algo audiovisual [*hoje*] é tão comum como era fazer um cartaz há alguns anos. Pensando nessa ideia de tentar definir o que é audiovisual hoje, é... Está correspondendo a um espelho. A gente tem registrado nossa vida toda em imagens, em vídeos, e guardado isso como se fosse um álbum fotográfico. Só que agora esse álbum tem som também. Então é uma coisa tão comum quanto nós tirando e guardando fotos há uns anos atrás.

Você também falou que os professores trazem vídeos para as aulas, pra trabalhar com eles, mesmo sem ter conhecimento do que é audiovisual. Queria que você comentasse sobre o que você percebe na sua aula ou até mesmo nas aulas dos seus colegas, o que eles utilizam de audiovisual. Como eles trazem isso pra sala de aula?

Então, a gente está muito passivo ainda em relação ao audiovisual. Passamos muito conteúdo audiovisual pros alunos, que já estão saturados, por estarem vivendo nessa geração em que isso é muito comum. Então eu percebo, dentro da escola, no meu trabalho e dos meus colegas, que o audiovisual tem sido algo muito “pronto”. A gente pega um vídeo sobre “Revolução Francesa”, [por exemplo]. Esse vídeo que já está pronto, foi produzido por alguém especialista nesse assunto. Ou então é uma obra de arte, um filme. Tem “essa temática”, a gente vai lá e passa. Mas o audiovisual dentro da escola como produção, pedir para os alunos fazerem suas próprias produções, isso ainda é muito raro. E são vários motivos pra isso acontecer. A questão [da falta] de materiais, de tempo e do próprio conhecimento dos professores.

Querida que você falasse um pouco mais sobre essas questões.

A questão do tempo está muito associada ao planejamento que a gente já tem. O audiovisual como ferramenta é um bônus que a gente dá para o aluno, como uma forma dele entender melhor ou tornar o assunto mais agradável. Então, dentro do nosso planejamento, o trabalho com audiovisual não está incluído. Ele vai ser incluído quando encontrarmos um tempo. Então, a questão [da falta] do tempo está associada ao que já planejamos há anos atrás, quando audiovisual não era algo tão comum assim... Qual foi a outra questão?

Você falou do tempo, mas também falou de recursos e conhecimento...

Sim! A questão do conhecimento é justamente do conhecimento das técnicas. A minha fala foi no sentido de que os professores, e nisso me incluo também, não produzem audiovisual com os alunos por falta de conhecimento técnico. Seria pensar no professor ensinar o básico pra essa geração que já sabe mais do que a gente a produzir vídeos próprios. Isso acaba inibindo o professor, um pouco, a fazer essa proposta. Eu vou pedir para os alunos fazerem um “minidocumentário”? Mas pra eu pedir isso, eu vou ter que dar as instruções para eles. São essas instruções, esse conhecimento, que falta nos professores.

Você comentou que seria interessante os alunos fazerem as suas produções. Por que você acha que seria interessante que eles produzissem?

Porque assistir, se comportar dessa forma passiva em relação ao audiovisual é algo aquele eles já se submetem. Algo que não tem como fugir [atualmente]. Então muitas vezes a gente coloca esses alunos em uma sala de vídeo, pra assistir um vídeo, e muitas vezes é um vídeo que eles já viram. Então, a questão de assistir, o próprio ato de assistir, mesmo eles não

tendo assistido aquele conteúdo, mas o ato de assistir já é algo muito comum pra eles, não é uma novidade. Agora, o fazer, seus próprios vídeos, sua própria produção, seria algo mais interessante, uma novidade. Eu penso que é um dos motivos porque isso deveria ser mais comum. Eles assistem, eles se inspiram em pessoas que fazem vídeos, que colocam na internet e ensinam coisas pra eles. E pensar que eles, dentro da escola, podem aprender a fazer isso também, é muito legal.

Apesar de estarmos falando sobre isso durante a entrevista inteira, de certa forma, gostaria de te perguntar: qual a relação do Cinema, do Audiovisual com a escola? Ou, o que poderia ser? No seu entendimento, quais as potências que essa relação poderia trazer para o aprendizado?

Então, eu sou muito fã de cinema e gosto muito da minha profissão também. Eu acho que são coisas que caminham juntas. Pensar no cinema com essa função, de sempre ensinar alguma coisa, por mais que não seja o objetivo de quem criou, dependendo da peça que estamos assistindo, acaba trazendo uma carga de conhecimento muito grande. E isso tem muito a ver com o nosso trabalho de transmitir informação. A gente que trabalha com educação não tem só esse objetivo de transmitir informações, mas é um deles, então o cinema vira uma ferramenta em potencial para nós. Não só quando a gente passa um vídeo para os alunos, mas quando incentivamos eles a consumirem obras cinematográficas. O conteúdo que essas obras trazem, pode mudar a vida deles, pode trazer uma carga de informação que, talvez, eles precisassem viajar, talvez precisassem ler um livro muito grande, mas aquilo chega de forma muito mais fácil nessa linguagem audiovisual. Então, eu penso que é uma ferramenta em potencial para a educação e é a linguagem que essa geração tem entendido.

Antes de encerrar, você gostaria de retomar, complementar ou acrescentar alguma informação?

Eu queria só reforçar que eu tô muito animado com essa ideia de o Cinema estar chegando cada vez mais na escola. Pensar que o Cinema pode ser, agora, mais uma cadeira dentro de Arte na educação básica. É uma coisa que me anima bastante. Até porque, o cinema vem sendo utilizado na educação há muito tempo, pensando no material audiovisual como uma ferramenta, isso já está dentro das escolas há um certo tempo. Então acho muito justo termos dentro de Arte, que seja, alguém habilitado nessa formação. Queria também falar dessa geração, que está muito voltada ao visual. A gente está falando sobre audiovisual, mas a gente sabe que quando colocamos um áudio e um vídeo competindo, o vídeo acaba ganhando.

A gente está vivendo cada vez mais uma busca pela imagem. Não é uma coisa de agora, a gente já tá caminhando há um certo tempo pra isso. E não tem uma forma de se comunicar com a juventude a não ser pelo visual. Então eu acho que essa área é importantíssima pra entendermos a nossa geração.